



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



ESCOLA DE DESIGN

Programa de Pós-graduação em Design (PPGD)
MESTRADO EM DESIGN

CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM ECOMUSEU

GABRIELLE LANA LINHARES

Belo Horizonte
2021

CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM ECOMUSEU

GABRIELLE LANA LINHARES

CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM ECOMUSEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Design, na área de concentração em Cultura, Gestão e Processos em Design.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita de Castro Engler

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Sebastiana Luiza Bragança Lana

L755c

Linhares, Gabrielle Lana.

Contribuições do design para a implantação de um ecomuseu
[manuscrito] / Gabrielle Lana Linhares, 2021.

124 f. , enc. : il. , ; 31 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais.
Programa de Pós-graduação em Design, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Castro Engler.

Bibliografia: f. 93-97

1. Design. 2. Museus e comunidade. 3. Sustentabilidade. 4. Museus –
Matozinhos (MG). I. Universidade do Estado de Minas Gerais. Escola de Design. II.
Engler, Rita de Castro. III. Título.

CDU: 069.013

Bibliotecária responsável: Gilza Helena Teixeira CRB6/1725

CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM ECOMUSEU

Autora: Gabrielle Lana Linhares

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para a obtenção do título de Mestre em Design no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 24 de março de 2021.



Rita A. C. Ribeiro
Coordenadora Mestrado e Doutorado
MASP 1231056-1
ESCOLA DE DESIGN - UEMG

Profª. Rita Aparecida da Conceição Ribeiro, Dra.
Coordenadora do PPGD

BANCA EXAMINADORA



Profª. Rita de Castro Engler, Dra.
Orientadora
Universidade do Estado de Minas Gerais



Profª. Sebastiana Luiza Bragança Lana, Dra.
Coorientadora
Universidade do Estado de Minas Gerais



Profª. Celina Borges Lemos, Dra.
Universidade Federal de Minas Gerais



Profª. Nadja Maria Mourão, Dra.
Universidade do Estado de Minas Gerais

Dedico este trabalho ao Lucas e ao Pedro, testemunhas da minha crença na construção de comunidades mais fraternas.

AGRADECIMENTOS

Às forças espirituais e aos elementos que me inspiraram e para os quais me falta explicação lógica.

À minha família, pela estrutura forte e amorosa que abraçou e orientou quando preciso.

Aos amigos que por vezes estimularam meu pensamento crítico e ampliaram minha cosmologia.

À Juliana, pelas sessões de escuta e troca repletas de sentido.

Às orientadoras Rita Engler e Sebastiana Lana, pelo o olhar atento e pelo voto de confiança ao longo do percurso.

À FAPEMIG pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Aos meus filhos, pela parceria na crença de que seguir seus sonhos é construir caminhos.

*Vá em busca de seu povo,
Ame-o. Aprenda com ele.
Planeje com ele. Sirva-o.
Comece com aquilo que ele sabe.
Construa com aquilo que ele tem.
Kwame N'Krumah*

RESUMO

LINHARES, G.L. **Contribuições do Design para a gestão de um Ecomuseu**. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Design, Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

O presente trabalho buscou um aprofundamento no campo dos ecomuseus orientado pela teoria do Design. A pesquisa buscou compreender o conceito da instituição ecomuseal enquanto uma proposta promissora de relação homem-território-patrimônio, tendo como eixo as abordagens de design relacionadas a território, inovação social e sustentabilidade e serviços. As abordagens de Design escolhidas para analisar os elementos patrimoniais e territoriais do Ecomuseu foram o Design de Território e o Design para a Inovação Social e Sustentabilidade. O aspecto comunitário do Ecomuseu foi analisado sob a ótica da abordagem Design de Serviços. Assim, o objetivo da pesquisa foi identificar ferramentas de design que contribuíssem para a implantação de um ecomuseu. O parâmetro de gestão sugerido foram os 21 Indicadores de um Ecomuseu Ideal. Foram identificadas nas abordagens de Design ações coordenadas, denominadas Ferramentas, cuja execução potencialize a gestão de um ecomuseu. Foi escolhido o Ecomuseu do Carste em Matozinhos/MG para investigação dos seus processos gerenciais num estudo de caso, e percepção do nível de implantação dos Indicadores de um Ecomuseu Ideal na sua rotina administrativa. O percurso metodológico transcorrido foi a pesquisa aplicada, exploratória, delineado pelas técnicas da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, estudo de caso e entrevista estruturada. Os resultados da pesquisa indicam uma que a implantação do Ecomuseu do Carste ainda não é efetiva, e que demanda uma relação mais próxima com a comunidade com a qual pretende atuar. Foi constatada a viabilidade do uso das Ferramentas de Design na melhoria dos processos gerenciais do Ecomuseu do Carste, especialmente na relação entre Ecomuseu e comunidade, cuja abordagem Design de Serviços pretende reforçar.

Palavras-chave: Ecomuseu. Design. Território. Inovação Social. Sustentabilidade. Ecomuseu do Carste.

ABSTRACT

LINHARES, G.L. **Design Contributions to the Management of an Ecomuseum**. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Design, Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

The present work sought a deepening in the field of ecomuseums guided by the theory of Design. The research sought to understand the concept of the ecomuseal institution as a promising proposal of man-territory-heritage relationship, having as link the design approaches related to territory, social innovation and sustainability and services. The design approaches chosen to analyze the heritage and territorial elements of the Ecomuseum were Territory Design and Design for Social Innovation and Sustainability. The community aspect of the Ecomuseum was analyzed from the perspective of the Service Design approach. Thus, the objective of the research was to identify design tools that contributed to the implementation of an ecomuseum. The suggested management parameter was the 21 Indicators of an Ideal Ecomuseum. Coordinated actions were identified in the Design approaches, called Tools, whose execution enhances the management of an ecomuseum. The Ecomuseum of Carste in Matozinhos/MG was chosen to investigate its management processes in a case study, and to perceive the level of implementation of the Indicators of an Ideal Ecomuseum in its administrative routine. The methodological path was applied, exploratory research, delineated by the techniques of bibliographic research, documentary research, case study and structured interview. The results of the research indicate that the implementation of the Carste Ecomuseum is not yet effective, and that it demands a closer relationship with the community with which it intends to act. It was verified the feasibility of the use of Design Tools in the improvement of the management processes of the Ecomuseu do Carste, especially in the relationship between Ecomuseum and community, whose approach Service Design aims to strengthen.

Keywords: Ecomuseum. Design. Territory. Social Innovation. Sustainability. Ecomuseum of Carste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Design em/de/para os territórios	45
Figura 2 – Representação gráfica do processo de <i>design thinking</i>	50
Figura 3 – Localização das cavernas e situação dos principais conjuntos de feições cársticas do Carste de Lagoa Santa	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Indicador 1	70
Gráfico 2 – Indicador 2	71
Gráfico 3 – Indicador 3	72
Gráfico 4 – Indicador 4	72
Gráfico 5 – Indicador 5	73
Gráfico 6 – Indicador 6	74
Gráfico 7 – Indicador 7	75
Gráfico 8 – Indicador 8	76
Gráfico 9 – Indicador 9	77
Gráfico 10 – Indicador 10	77
Gráfico 11 – Indicador 11	78
Gráfico 12 – Indicador 12	79
Gráfico 13 – Indicador 13	80
Gráfico 14 – Indicador 14	80
Gráfico 15 – Indicador 15	81
Gráfico 16 – Indicador 16	82
Gráfico 17 – Indicador 17	83
Gráfico 18 – Indicador 18	84
Gráfico 19 – Indicador 19	84
Gráfico 20 – Indicador 20	85
Gráfico 21 – Indicador 21	86

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Conjunto de pinturas rupestres do Parque Estadual da Cerca Grande	59
Imagem 2 – Monumento Natural Estadual Vargem da Pedra, em Mocamboeiro	61
Imagem 3 – Visita com a comunidade ao patrimônio socioambiental de Mocamboeiro	65
Imagem 4 – Oficina Um Olhar Diferente: Artesanato com resíduos vegetais	76
Imagem 5 – Lançamento do livro “As raízes do Futuro”	76
Imagem 6 – Palestra “Museus para uma Sociedade Sustentável” em 2015.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características da pesquisa	21
Quadro 2 – Estágios históricos da Nova Museologia	32
Quadro 3 – Indicadores do Ecomuseu	39
Quadro 4 – Técnicas para participação comunitária	46
Quadro 5 – Descrição resumida do Método Design Disruptivo	49
Quadro 6 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Aquecimento	51
Quadro 7 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Entendimento	52
Quadro 8 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Observação	53
Quadro 9 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Definição do Ponto de Vista	54
Quadro 10 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Ideação	55
Quadro 11 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Protótipo	56
Quadro 12 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Testagem	57
Quadro 13 – Ferramentas do <i>Design Thinking</i> para a fase de Reflexão	58
Quadro 14 – Lei Municipal de criação do Ecomuseu do Carste	62

LISTA DE AREVIATURAS E SIGLAS

ADAO – Associação de Desenvolvimento das Artes e Ofícios

ICOM – *International Council of Museums* / Conselho Internacional de Museus

UN – *United Nations* / Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ABREMC – Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários

IEF – Instituto Estadual de Florestas

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

FIDRO – Fundo de Recuperação, Proteção e Desenvolvimento Sustentável das Bacias
Hidrográficas do Estado de Minas Gerais

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

APA – Área de Proteção Ambiental

SAP – Sistema de Áreas Protegidas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

CEDTec – Centro de Estudos em Design & Tecnologia

ED – Escola de Design

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 Características da Pesquisa	21
2.2 Pesquisa Bibliográfica	22
2.3 Estudo de Caso	23
2.4 Coleta de Dados	24
2.5 Identificação das Ferramentas de Design para implantação de um Ecomuseu	26
3 ECOMUSEU	28
3.1 Definição de Ecomuseum e conceitos-chave	29
3.2 Ecomuseus: do cenário global às iniciativas locais	32
3.3 Ecomuseus, museus comunitários e desenvolvimento local	37
4 DESIGN	42
4.1 Design e Território	43
4.2 Design para a Inovação Social e Sustentabilidade	48
4.3 Design de Serviços	50
5 ESTUDO DE CASO: ECOMUSEU DO CARSTE	59
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	69
7 CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
APÊNDICES	95
Apêndice A – Museus de Território e Ecomuseus do Brasil cadastrados no Sistema <i>Museusbr</i> e identificados por Santos (2017)	95
Apêndice B – Formulário “Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste”	105

1 INTRODUÇÃO

Minha infância em Belo Horizonte foi repleta de visitas a praças, parques naturais, teatros e exposições. Estes lugares se tornaram, desde então, parte essencial da ideia que criei de espaços de lazer e conhecimento. Era, ainda, onde aconteciam meus encontros com amigos e participação em grupos artísticos.

Foi levando este sentimento de comunhão com os espaços de lazer urbanos que me mudei para Matozinhos/MG ainda adolescente e, no terceiro ano do Ensino Médio, fui selecionada para participar do curso de capacitação de Condutores ao Atrativo Turístico Natural¹. Parte do curso envolvia visitar os atrativos naturais de Matozinhos e região – o Circuito das Grutas conhecido internacionalmente pelas inúmeras cavidades e peculiaridades naturais.

Estas vivências me levaram a cursar o bacharelado em Turismo, cujo objeto de estudo na monografia foi o Parque das Mangabeiras² de Belo Horizonte. Nos anos subsequentes, atuei em instituições da sociedade civil organizada de Sete Lagoas/MG que propuseram inúmeros projetos de turismo em áreas naturais, educação ambiental e representação nos conselhos municipais de Meio Ambiente e Turismo.

No ano de 2017 integrei a equipe do Parque Estadual da Cerca Grande em Matozinhos e ali estive em contato estreito com as riquezas naturais do distrito de Mocambeiro e sua comunidade acolhedora, repleta de artistas e profundamente ligada às suas raízes naquele território.

Por outro lado, fui testemunha da busca destes moradores por postos de trabalho e renda, das demandas por asfaltamento e saneamento básico, assim como no desafio de estimular a atividade turística numa comunidade onde a pujança socioambiental é ofuscada pela falta de infraestrutura.

As lutas da comunidade de Mocambeiro reverberam questões que afligem a inúmeros outros representantes da comunidade planetária. A manutenção da vida humana na Terra é o grande desafio da sociedade atual. E, embora esta questão envolva diretamente os recursos

¹ Realizado no ano 2000 com alunos da Escola Estadual Bento Gonçalves pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/MG).

² Saiba mais em <<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/parque-das-mangabeiras>> Acesso em 12 Abr 2021.

naturais com os quais satisfazemos nossas necessidades fisiológicas, é igualmente importante que esta sobrevivência esteja permeada de bem-estar. Mais que sobreviver, o ser humano se esforça para adotar um novo modelo de vida: sustentável, criativo e que privilegie o benefício coletivo em detrimento do individual.

É necessário ressignificar³ a relação entre humanos e o território que habitam, de forma que os elementos culturais provenientes desta interação reflitam os valores e saberes da comunidade local, bem como contribuam para a preservação dos elementos naturais ali presentes.

Ao me colocar no lugar de pesquisadora, me orientei pelo pensamento de Ruth Cardoso, quando afirma que um pesquisador que interage bem com minorias ou grupo populares se torna porta-voz dos seus anseios e carências (CARDOSO, 1986, p. 95). Também contribuiu para minha postura de pesquisadora adotar a perspectiva “de perto e de dentro”, descrita por José G. C. Magnani (2002, p. 10) enquanto capaz de apreender os padrões de comportamento dos variados conjuntos de atores sociais de determinado território – seja ele um bairro, uma cidade, ou um distrito, como no caso de Mocambeiro.

A busca por abordagens com as quais minha atuação pudesse contribuir para a redução da distância entre a comunidade e os benefícios advindos de sua relação com as áreas naturais e a cultura do seu território levou ao design. Pensar um novo modelo de vida, sustentável, criativo e coletivo, traz à tona a importância do design enquanto ativador de inovações e interações na sociedade. Este campo dotado de visão interdisciplinar e transversal pode ser capaz de identificar soluções para os obstáculos a este novo modelo de vida e dar abertura para a efetivação de ações socialmente inovadoras.

E a inovação, portanto, é uma das atribuições do designer que tem como desafio estreitar a relação entre bem-estar social e respeito aos recursos naturais disponíveis. Cipolla (2012) considera que a inovação social está relacionada à capacidade da sociedade de solucionar seus próprios problemas. Manzini (2008) afirma que um papel particular na transição rumo à sustentabilidade será desempenhado por uma série de iniciativas locais que serão cada vez mais capazes de romper os padrões consolidados e nos guiar rumo a novos comportamentos e modos de pensar.

³ “Ressignificar é dar um novo sentido ao objeto, alterando seu conceito, percepção ou interpretação original. É tornar coerente o objeto para o sujeito, sob novo ponto-de-vista, transformando-o para contexto vigente, sempre que se modifica” (BELCHIOR, 2011, p. 17).

Uma das iniciativas locais de destaque nesta quebra de paradigmas da relação do sujeito com o território que habita é a proposta de Ecomuseu – valorização da identidade cultural de comunidades que, segundo Brulon (2015), não se desenvolve através de coleções materiais, mas sim, de uma memória local coletiva.

O conceito de Ecomuseu se tornou ponto focal para um debate internacional sobre os propósitos dos museus enquanto ferramenta de preservação socioambiental e desenvolvimento local, uma vez que enfatiza o envolvimento comunitário. Outra característica importante desta instituição é atuar na comunidade enquanto local de convergência dos interesses de conservação do seu patrimônio socioambiental e o respeito aos limites de sua área geográfica ou território (DAVIS, 2011).

Este ideal inspirou em Mocambeiro a iniciativa comunitária que, liderada pela Associação de Desenvolvimento das Artes e Ofícios (ADAO), criou o Ecomuseu do Carste.

Das atividades realizadas pelo Ecomuseu do Carste ente os anos de 2003 e 2016, as principais foram capacitação para geração de renda e palestras de sensibilização com relação ao patrimônio socioambiental da região. Atualmente, a instituição não tem atividades registradas e atua como parceira pontual de iniciativas realizadas no território de Mocambeiro.

A convergência entre os anseios da comunidade e as intenções que inspiraram a criação Ecomuseu do Carste fez com que esta fosse a instituição escolhida para um estudo que vise ao estreitamento da relação patrimônio-território-comunidade em Mocambeiro, tendo como elo as abordagens do design que serão apresentadas. Desta forma, o problema de pesquisa foi investigar quais são as ferramentas de design que podem auxiliar o processo de implantação de um ecomuseu.

A pesquisa se consistiu numa revisão da literatura nos campos do design e do conceito de ecomuseu, bem como numa identificação de aspectos acerca do Ecomuseu do Carste, para que este arcabouço teórico e documental subsidie a sugestão de Ferramentas de Design que contribuam na implantação de um ecomuseu.

O presente documento será estruturado através da divisão de capítulos, dentre os quais o Capítulo 01 contém a introdução; o Capítulo 02 descreve os procedimentos metodológicos escolhidos para a realização da pesquisa, da coleta de dados e posterior análise dos resultados.

No Capítulo 03 é apresentada uma revisão da literatura sobre a temática dos ecomuseus, enquanto que o Capítulo 04 faz uma revisão da literatura no campo do Design.

No Capítulo 05 estão descritas as informações obtidas através do Estudo de Caso do Ecomuseu do Carste.

O Capítulo 06 apresenta uma análise dos resultados obtidos pela pesquisa; e o Capítulo 07 se constitui das Considerações acerca deste estudo.

As referências bibliográficas utilizadas para a confecção desta pesquisa se encontrarão na sequência pós-textual.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considera-se, enquanto metodologia da pesquisa proposta, todo o processo sistemático percorrido para coleta, organização, análise, interpretação e sistematização do conhecimento produzido (HEERDT; LEONEL, 2007).

A metodologia pode ser classificada pela sua natureza, pela abordagem do problema, pelos seus objetivos e pelos seus procedimentos técnicos (RIGONI, 2017).

2.1 Características da Pesquisa

O presente estudo pode ser definido como de natureza aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos, além de envolver verdades e interesses locais (SILVA; MENEZES, 2005). Especialmente nos “termos e visão do design, as informações colhidas pela pesquisa aplicada se tornam úteis e aproveitáveis para a solução de problemas de forma criativa e inovadora” (FACCA, 2008, p. 31).

É uma pesquisa qualitativa do ponto de vista da forma de abordagem do problema, pois se orienta pela premissa de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito que não pode ser traduzido em números (SILVA; MENEZES, 2005).

O trabalho será conduzido pela pesquisa exploratória, para se obter os dados necessários acerca da atual situação do Ecomuseu do Carste. Segundo Gil (1996, p. 45) “esse tipo de pesquisa proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Contribui para evidenciar experiências positivas e obstáculos enfrentados.

Contará também com a pesquisa descritiva, ao passo que visa descrever o patrimônio socioambiental e cultural do Ecomuseu do Carste. O Quadro 1 apresenta as principais características desta pesquisa.

Quadro 1 - Características da pesquisa

DESCRIÇÃO	INSTRUMENTO PESQUISA	CARACTERÍSTICAS
Natureza da Pesquisa	Aplicada	Resultados aplicáveis

Abordagem do Problema	Qualitativa	Observação e identificação das atividades relacionadas ao processo.
Objetivos da Pesquisa	Exploratória	Entender a natureza geral de um problema
	Descritiva	Descrever determinada realidade Dimensionar variáveis
Procedimentos Técnicos	Pesquisa Bibliográfica	Estudo aprofundado do tema a fim de se obter respostas à pergunta central e atender aos objetivos de pesquisa
	Pesquisa Documental	
	Estudo de Caso	
Amostragem	Intencional	Amostras pequenas e selecionadas mediante critérios subjetivos e arbitrários Compreensão do problema em profundidade
Coleta de Dados	Direta	Entrevista estruturada Levantamento bibliográfico Levantamento documental Registro fotográfico Análise de Documentos

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de (FACCA, 2008; RIGONI, 2017; YIN, 2016).

2.2 Pesquisa Bibliográfica

Um dos procedimentos técnicos escolhidos foi a Pesquisa Bibliográfica, que é desenvolvida a partir de material já elaborado, e constitui-se principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 1996).

Serão analisadas, no decorrer da execução deste estudo científico, publicações que tratam do conceito de Ecomuseu, do Design, da Sustentabilidade e da Inovação Social. Esta

fundamentação teórica, possibilitada pela pesquisa bibliográfica, é que norteará a proposição das diretrizes de design para implantação de um ecomuseu.

Pretende utilizar-se, também, a Pesquisa Documental. Esse método de pesquisa vale-se de materiais – ofícios, fotografias, regulamentos, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, dentre outros que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 1996).

2.3 Estudo de Caso

O presente estudo propõe um levantamento mais profundo do patrimônio histórico e ambiental do Ecomuseu do Carste, bem como de informações sobre sua atual situação jurídica e ações em desenvolvimento pela ADAO no presente momento. Esta investigação empírica almeja investigar o fenômeno ecomuseológico dentro do contexto socioambiental ao qual pertence, e, para tanto, se valerá da metodologia do Estudo de Caso (YIN, 2001).

O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (YIN, 2001).

Yin (2001) apresenta seis formas distintas de evidências constituintes de um estudo de caso: documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

Qualquer seja a forma de evidência escolhida para a composição do estudo de caso, o autor salienta a importância de utilizar evidências provenientes de duas ou mais fontes, mas que convergem em relação ao mesmo conjunto de fatos ou descobertas; a criação de um banco de dados para o estudo de caso; um encadeamento de evidências, isto é, ligações explícitas entre as questões feitas, os dados coletados e as conclusões a que se chegou.

Uma das mais importantes fontes de informações neste estudo de caso serão as entrevistas. Pretende-se que sejam conduzidas de “forma espontânea” (YIN, 2016, p. 163), para que o pesquisador tenha liberdade de indagar ao entrevistado sobre os fatos e pedir a opinião dele sobre determinados eventos.

Em algumas situações, é possível até mesmo pedir que o entrevistado apresente suas próprias interpretações de certos acontecimentos, utilizando essas proposições como base

para uma nova pesquisa. Yin (2001) considera que, desta forma, o papel do entrevistado se aproximará do papel de um “informante”, fundamental para fornecer ao pesquisador percepções e interpretações sob um assunto, como também sugerir fontes nas quais pode-se buscar outras evidências.

Com relação ao perfil do entrevistador, Yin (2016) considera que ele deve:

- ser uma pessoa capaz de fazer boas perguntas - e interpretar as respostas.
- ser um bom ouvinte e não ser enganado por suas próprias ideologias e preconceitos.
- ser capaz de ser adaptável e flexível, de forma que as situações recentemente encontradas possam ser vistas como oportunidades, não ameaças.
- ter uma noção clara das questões que são foco do estudo.

Essa noção tem como foco os eventos e as informações relevantes que devem ser buscadas por “uma pessoa que deve ser imparcial em relação a noções preconcebidas, incluindo aquelas que se originam de uma teoria. Assim, deve ser sensível e estar atenta a provas contraditórias” (YIN, 2016).

2.4 Coleta de Dados

Como forma de coleta direta de dados referentes à percepção da comunidade em relação ao Ecomuseu do Carste, o presente estudo demandará a realização de entrevistas com amostragem intencional – ou seja, escolhidas de maneira deliberada (YIN, 2001).

Estas entrevistas devem ser orientadas de forma a delinear informações concretas acerca dos seis objetivos descritos por Marconi & Lakatos (2003): Averiguação de fatos; determinação das opiniões sobre os fatos; determinação de sentimentos: descoberta de planos de ação: conduta atual ou do passado e motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

As entrevistas utilizadas serão do tipo estruturadas, onde o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, com perguntas pré-determinadas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197) de forma que resulte numa coleta de dados que possam ser quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

O formulário de pesquisa foi desenvolvido para investigar questões específicas da gestão do Ecomuseu do Carste. Consiste em avaliar o grau de implantação dos indicadores de um ecomuseu de Corsane (2006), de forma gradativa, conforme as seguintes alternativas:

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste;
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste;
- Não conseguimos incorporar este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste;
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Após a pergunta fechada referente a cada indicador, o formulário deixa uma questão aberta onde o entrevistado pode descrever com mais detalhes as atividades referentes àquele indicador: desde dúvidas, desafios vivenciados na implantação, até inovações e compartilhamentos da experiência institucional no aspecto avaliado.

A plataforma utilizada para a divulgação do Formulário foi o Google Formulários⁴ e o arquivo completo consta no Apêndice 2 – Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste.

O público alvo desta pesquisa foi constituído por elementos da sociedade que, embora eventualmente não estejam sendo afetados pelas ações do Ecomuseu do Carste, são partes interessadas nestas ações – por isso denominados *stakeholders*⁵:

- Gestores das Unidades de Conservação (UCs) Estaduais localizadas no distrito de Mocambeiro;
- Responsável pela Subsecretaria Municipal de Cultura de Matozinhos;
- Diretora Presidente da ADAO;
- Estudantes da Escola Estadual Felícia Fernandes Campos, do distrito de Mocambeiro;
- Proprietários das terras onde foram instituídas as UCs e ainda não houve desapropriação;

⁴ Disponível em <<https://docs.google.com/forms/u/0/?tgif=c>> Acesso em 05 fev 2021.

⁵ Partes interessadas – pessoas e organizações que podem ser afetadas de forma direta ou indireta, positiva ou negativamente. Definição disponível em no site <<https://www.euax.com.br/>> Acesso em 07 fev 2021.

- Moradores, comerciantes, fazendeiros, estudantes, professores, pesquisadores, representantes de setores públicos, membros de organizações não governamentais (ONGs) e outros representantes civis que atuem no distrito de Mocambeiro.

Após a identificação de 64 habitantes cuja atividade se encaixasse em alguma das categorias supracitadas, realizou-se um contato telefônico de apresentação da proposta de pesquisa e o convite para a participação na coleta de dados. Mediante interesse do convidado, o *link* de acesso para o Formulário foi enviado por mensagem eletrônica.

2.5 Identificação das Ferramentas de Design para a implantação de um Ecomuseu

O conjunto de métodos sistemáticos das ações de design geralmente se apresenta na literatura enquanto *Frameworks*⁶, *Toolkits*⁷, *Practical Guides*⁸, *Methods*⁹, *Maps*¹⁰ e *Models*¹¹, dentre outros. Estas são nomenclaturas conferidas a processos ordenados de ações que, se executados conforme sugerido, tendem a alcançar os objetivos propostos.

Além disso, Dubberly (2004) afirma que a utilização de tais conjuntos contribui para reduzir os riscos, pois aumenta a probabilidade de sucesso; para o ajustamento de expectativas, ao reduzir a incerteza e o medo; e o aumento da repetibilidade, permitindo melhoria.

Uma análise cuidadosa da bibliografia sugerida terá como finalidade, além do subsídio teórico aos temas estudados, a intenção de identificar quais elementos descritos nestas publicações serão interessantes à identificação das Ferramentas de Design para a implantação do Ecomuseu.

⁶ Sistemas de regras, ideias ou crenças que são utilizados para planejar ou decidir algo (*Cambridge Learner's Dictionary*, tradução da autora).

⁷ Caixas de ferramentas (tradução da autora).

⁸ Guias práticos (tradução da autora).

⁹ Métodos (tradução da autora).

¹⁰ Mapas (tradução da autora).

¹¹ Modelos (tradução da autora).

É importante salientar o caráter iterativo do processo de design, conscientes de que a cada estágio deste processo poderá ser necessário dar um passo atrás ou, talvez, começar novamente do esboço. A iteração deve assegurar o aprendizado adquirido com as iterações anteriores (STICKDORN; SCHNEIDER, 2010).

Desta forma, pretende-se que a identificação, seleção e utilização das Ferramentas de Design seja produzida através de processos iterativos, sujeita a alterações ao longo da trajetória da pesquisa.

Para utilização no presente estudo foram identificadas Ferramentas de Design nas abordagens Design de Território; Design para a Inovação Social e Sustentabilidade e Design de Serviços. Cada ferramenta foi sugerida mediante demanda de melhoria na implantação do Ecomuseu do Carste identificada através da porcentagem final das questões referentes a cada um dos 21 indicadores de Corsane (2006) que serão detalhados no próximo Capítulo.

Nos indicadores onde a porcentagem demonstrou percepção de ação já totalmente incorporada à rotina administrativa do referido Ecomuseu, algumas Ferramentas de Design foram também sugeridas como forma de potencialização dos resultados já obtidos.

3 ECOMUSEU

O ponto inicial desta análise se dá na caracterização do verbete “ecomuseu” pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: “espaço museológico que pretende valorizar o patrimônio material e imaterial de uma região ou de uma população, geralmente com a participação da comunidade local¹²”.

Esta definição, embora reduzida, evidencia pontos essenciais ao entendimento do conceito: “espaço museológico; patrimônio; região e comunidade local”.

A criação de espaços físicos onde a disposição e o cuidado de coleções de espécimes são realizados coloca em evidência os dois primeiros pontos: o espaço museológico e o patrimônio.

A origem do termo museu remonta à etimologia clássica, *Museion* – ou templo das nove musas que denominavam campos das artes e das ciências, situado numa pequena colina; também relacionada a *Mnemosine*, divindade da memória que, ao unir-se a Zeus, fora a mãe das nove musas.

O termo passa a denominar, desde então, um lugar de memória e conservação: o templo do patrimônio, ou teatro da memória (BRANDÃO DE MELO; MOURA CARVALHO, 2016; FARIAS, 2010; MARTINS, 2014).

De forma sintética, museus trabalham com objetos constantes em suas coleções. Acrescenta-se a eles o elemento humano, ou seja, os profissionais que nele atuam e sua relação com o público que o visita (MAIRESSE; DESVALLÉES; DELOCHE, 2009).

Na sociedade atual, o Museu é definido pelo Estatuto do Conselho Internacional de Museus (*International Council of Museums – ICOM*), enquanto uma instituição permanente e sem fins lucrativos a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (tradução da autora).

A evolução do que se intitula museu, do conceito clássico para o corrente, foi tema de inúmeras ações, especialmente no fim do século XX, e possibilitou a emergência de novas abordagens destes espaços, orientadas pelo reconhecimento de um espaço não somente

¹² e-co-mu-seu (*eco-* + museu) substantivo masculino. "ecomuseu", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/ecomuseu> [consultado em 20-09-2019].

físico, mas social e cultural, além das relações com seu espaço ambiental evolutivo (BELLAIGUE, 2009).

Evidenciam-se, portanto, os outros dois pontos daquela definição inicial: além do espaço museológico e do patrimônio, amplia-se o olhar para a região (também descrita como “território”) e sua estreita relação com a comunidade local.

Deste processo nasce o que se considera a “Nova Museologia¹³”: uma reação dos museus frente às mudanças ocorridas no mundo pós - moderno e que os levou a redefinir seus papéis nesta sociedade que se transformava profundamente (DAVIS, 2011).

Brulon (2015) descreve os participantes deste movimento enquanto museólogos que pretendiam fazer uma “museologia de vanguarda” pela discussão de temas como a participação da coletividade e a noção de identidade cultural.

Por envolverem um tipo de imersão das pessoas em sua própria cultura e um contato íntimo com a memória, esses museus tiveram que contar com o suporte da etnologia¹⁴ e, de fato, se desenvolveram como uma alternativa iconoclasta aos museus etnográficos clássicos, principalmente por romperem com a lógica do olhar do Outro sobre o patrimônio ali apresentado (BRULON, 2015, p. 267).

Fica clara, desta forma, a característica dos museus enquanto estruturas interdisciplinares em constante evolução (MAIRESSE; DESVALLÉES; DELOCHE, 2009) e que, imbuídos de anseios de mudança, se materializam em iniciativas museológicas mais amplas, tradicionalmente caracterizadas não somente enquanto “Nova Museologia”, mas, ainda, por termos como “Museologia Social, Museologia Ativa, Museus Comunitários” e, destaque àquela cujas nuances este estudo se esforça em apresentar, “Ecomuseus” (SANTOS, 2017).

3.1 Definição de Ecomuseu e conceitos-chave

Reconhecidos por séculos enquanto espaços físicos onde a disposição e o cuidado de coleções de espécimes são realizados, nas décadas de 1960 e 1970 se tornaram objeto de

¹³ Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu, que estuda sua história; seu papel na sociedade; as formas específicas de pesquisa e conservação física, atividades e disseminação, organização e funcionamento; arquitetura nova ou musealizada; locais que têm sido recebidos ou escolhidos, sua tipologia e deontologia (tradução da autora. RIVIÈRE, 1981 apud MAIRESSE; DESVALLÉES; DELOCHE, 2009).

¹⁴ et·no·lo·gi·a (grego *ethnós*, -eos, raça, povo + *-logia*) substantivo feminino. Tratado acerca da origem e distribuição dos povos. "etnologia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/etnologia> [consultado em 21-09-2019].

debates epistemológicos que, segundo Balerdi (2002) ocorreram com mais intensidade na França.

Varine (2000) cita a transformação do modelo edifício-coleção-público em território-patrimônio-população como reflexo das mudanças nas teorias museológicas e nos métodos e técnicas museográficas. Ecomuseus libertados dos padrões hegemônicos em museologia estimulam as comunidades locais na percepção de sua identidade e seu potencial criativo.

Ao se guiar pelo patrimônio na construção do futuro, esta comunidade experiencia o processo *bottom-up*: o objeto musealizado permanece sendo utilizado pelo seu proprietário original, desde que seu uso não traia os interesses da comunidade do qual se torna pertencente. Passa a existir, então, “um museu que musealiza as coisas do real mantendo-as em suas vidas usuais, no cotidiano” (BRULON, 2015, p. 278).

Dentre os participantes do movimento francês de renovação museológica que se dedicaram à elaboração do conceito de ecomuseu se destaca Georges Henri Rivière. Seu trabalho se caracterizou pela importância dada aos acervos como portadores de informação, de carga simbólica e afetiva.

As instituições denominadas por Barbuy (1995) como “museus Rivière” ampliaram a noção de acervo e de patrimônio, onde objetos anteriormente considerados pouco relevantes passam a ser valorizados enquanto documentos de história e cultura.

Patrimônios naturais, culturais e até territórios inteiros são incluídos nos trabalhos museológicos pelos ecomuseus, o que reitera a definição que Rivière os deu de “museus do tempo e do espaço” (BARBUY, 1995, p. 219).

A reunião das propostas de Rivière se deu na terceira e última versão do texto “Definição evolutiva do ecomuseu”¹⁵, finalizado em janeiro de 1980 e publicado na revista *Museum* de 1985, em edição especialmente dedicada ao autor (RIVIÈRE, 1985):

Um ecomuseu é um instrumento concebido, fabricado e operado conjuntamente por poder público e população local. O envolvimento do poder público se dá através dos especialistas, instalações e recursos que provê; o envolvimento da população local depende de suas aspirações, conhecimento e abordagem individual. É um espelho em que a população local se vê para descobrir sua própria imagem, onde procura uma explicação do território ao qual está ligada e das populações que a precederam, seja na continuidade ou descontinuidade das gerações. Um espelho

¹⁵ *Définition évolutive de l'écumusée.*

que esta população oferece aos seus hóspedes, para se fazerem melhor compreendidos, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento e pela sua privacidade. Uma expressão do homem e da natureza. O homem é interpretado em seu ambiente natural. A natureza é retratada em sua selvageria, mas também como a sociedade tradicional e industrial a adaptou à sua imagem. Uma expressão do tempo, quando a explicação remonta ao tempo em que o homem apareceu, percorre os tempos pré-históricos e históricos que viveu, remete ao tempo que vive. Com uma abertura aos tempos de amanhã, sem, no entanto, o ecomuseu se colocar como decisório, mas, neste caso, desempenhando um papel de informação e análise crítica. Uma interpretação do espaço. Espaços privilegiados, onde parar, onde caminhar. Um laboratório, na medida em que contribui para o estudo histórico e contemporâneo desta população e do seu meio e promove a formação de especialistas nestas áreas, em cooperação com organismos de investigação externos. Um conservatório, na medida em que contribui para a preservação e valorização do patrimônio natural e cultural desta população. Uma escola, na medida em que associa esta população às suas ações de estudo e proteção, onde os incentiva a compreender melhor os problemas do seu próprio futuro. Este laboratório, este conservatório, esta escola, são inspirados por princípios comuns. A cultura em nome da qual eles existem deve ser entendida em seu sentido mais amplo, e eles se empenham em tornar conhecida sua dignidade e expressão artística, quaisquer que sejam as camadas da população que dela emanem. A diversidade é ilimitada, pois os dados variam de uma amostra para outra. Eles não se fecham em si mesmos, eles recebem e dão¹⁶ (RIVIÈRE, 1985, p. 182–183. Tradução da autora).

A perspectiva de Rivière do ecomuseu enquanto cenário da museologia orientado pelo patrimônio local, se complementa à visão de Varine, de estruturação do ecomuseu com base na população (BRULON, 2015).

Nesse sentido, um Ecomuseu é um modelo contemporâneo de museu onde os membros de uma comunidade tornam-se atores em seu processo de formulação, execução e

¹⁶ *Un écomusée est un instrument qu'un pouvoir et une population conçoivent, fabriquent et exploitent ensemble. Ce pouvoir, avec les experts, les facilités, les ressources qu'il fournit. Cette population, selon ses aspirations, ses savoirs, ses facultés d'approche. Un miroir où cette population se regarde, pour s'y reconnaître, où elle recherche l'explication du territoire auquel elle est attachée, jointe à celle des populations qui l'ont précédée, dans la discontinuité ou la continuité des générations. Un miroir que cette population tend à ses hôtes, pour s'en faire mieux comprendre, dans le respect de son travail, de ses comportements, de son intimité. Une expression de l'homme et de la nature. L'homme y est interprété dans son milieu naturel. La nature l'est dans sa sauvagerie, mais telle que la société traditionnelle et la société industrielle l'ont adaptée à leur image. Une expression du temps, quand l'explication remonte en deçà du temps où l'homme est apparu, s'étage à travers les temps préhistoriques et historiques qu'il a vécus, débouche sur le temps qu'il vit. Avec une ouverture sur les temps de demain, sans que, pour autant, l'écomusée se pose en décideur, mais, en l'occurrence, joue un rôle d'information et d'analyse critique. Une interprétation de l'espace. D'espaces privilégiés, où s'arrêter, où cheminer. Un laboratoire, dans la mesure où il contribue à l'étude historique et contemporaine de cette population et de son milieu et favorise la formation de spécialistes dans ces domaines, en coopération avec les organisations extérieures de recherche. Un conservatoire, dans la mesure où il aide à la préservation et à la mise en valeur du patrimoine naturel et culturel de cette population. Une école, dans la mesure où il associe cette population à ses actions d'étude et de protection, où il l'incite à mieux appréhender les problèmes de son propre avenir. Ce laboratoire, ce conservatoire, cette école s'inspirent de principes communs. La culture dont ils se réclament est à entendre en son sens le plus large, et ils s'attachent à en faire connaître la dignité et l'expression artistique, de quelque couche de la population qu'en émanent les manifestations. La diversité en est sans limite, tant les données diffèrent d'un échantillon à l'autre. Ils ne s'enferment pas en eux-mêmes, ils reçoivent et donnent.*

manutenção. Seu princípio básico é sempre a solidariedade entre as forças do território que se preocupam com o patrimônio e com o interesse das populações, isto é, com a utilidade social do museu (FILIPE; VARINE, 2015).

É o museu do território, do patrimônio (material ou imaterial) e de sua comunidade; desenvolvido com foco na sustentabilidade para que o homem se desenvolva a partir da conexão entre si e sua realidade.

3.2 Ecomuseus: do cenário global às iniciativas locais

O nascimento dos Ecomuseus é situado por Filipe e Varine (2015) nas décadas de 1960 e 1970, originários de iniciativas e contextos locais, sem normas impostas e sem centralização por parte dos promotores dos projetos.

Embora o conceito de Ecomuseu seja um fenômeno francês, aconteciam “revoluções” (VARINE, 2006, p. 51) em outras áreas do mundo museológico, inspiradas por fatores políticos e culturais, como a recente independência da maioria dos países colonizados, majoritariamente na África; o movimento na América do Norte de *equal rights*, que envolveu grupos afro-americanos, latinos e indo-americanos; os movimentos revolucionários na América Latina e a emergência das culturas aborígenes e mestiças; o *students movement* de 1968 na Europa; a redescoberta dos valores socioculturais das pequenas comunidades locais e a identificação de instituições culturais tradicionais com públicos de elite e cativos.

Estas revoluções se materializaram, naquela época, em diferentes partes do mundo. Varine (2006) caracteriza o surgimento destas iniciativas segundo três diferentes estágios, conforme esquema constante no Quadro 2.

Quadro 2 – Estágios históricos da Nova Museologia

ESTÁGIO	PERÍODO	PROJETOS E EXPERIMENTOS MUSEAIS
Inovações	Década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> Semana do museu no México, em setembro de 1964 – um evento museológico, político e cultural de grande magnitude.

		<ul style="list-style-type: none">• Os museus de vizinhança dos Estados Unidos da América (EUA), criados numa área exclusivamente povoada por cidadãos afro-americanos como uma ferramenta de recuperação de sua autoestima e orgulho cultural. Também objetivou encontrar soluções para suas necessidades socioculturais mais urgentes.• Fundação de museus ao ar livre na Escandinávia, um resultado da consciência crescente com relação à identidade das comunidades locais.• A autorização para que o Museu Nacional em Niamey (Níger) unificasse o país e promovesse os valores culturais de seus inúmeros grupos étnicos.• A criação do <i>Riksställningar</i>, o Instituto Nacional de Exposições Itinerantes, na Suécia, que promoveu interações de atividades culturais locais e o resto do mundo, através de atividades não-museais.• O desenvolvimento de pequenos museus locais e do museu ao ar livre de Marquise, na França.
Formulação de novos conceitos	Entre os anos de 1971 e 1973	<ul style="list-style-type: none">• Conferência Geral do ICOM, em 1971, na França, onde decidiu-se por alterar o conceito vigente de “museu”, e o conceito de desenvolvimento foi elencado como um dos objetivos essenciais da instituição. Houve neste evento, ainda, a cunhagem

do termo “Ecomuseu”, para assim relacionar a instituição museal com a ecologia natural e humana. Esta formulação visava também contribuir com o debate na área ambiental proposto pela conferência das Nações Unidas (United Nations – UN) que se realizaria em Estocolmo no ano posterior, 1972.

- A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em parceria com o ICOM, realiza em 1972 a Mesa Redonda de Santiago do Chile para diretores de museus da América Latina. Foi definido, neste evento, o conceito de “museu integral”, que definiu a responsabilidade do museu em servir a todos os membros da comunidade, incluindo os mais marginalizados, particularmente no cenário urbano.
- Neste período nasceu, na França, um novo tipo de museu baseado nas comunidades locais de uma região parte industrial, parte agrária, entre as cidades de Le Creusot e Montceau. Este museu posteriormente será conhecido como Ecomuseu do Le Creusot-Montceau.

Desenvolvimento de novas práticas Após 1973 – considerados enquanto originários de várias gerações

- Museus industriais, especialmente na Europa e na América do Norte, geralmente após o tombamento de sítios históricos em minas e áreas de metalurgia, dentre outros. Em muitos casos, funcionários que
-

-
- de “novos museus” (SANTOS, 2017 p.54) se aposentaram ou ficaram desempregados com o fechamento destas áreas se tornam atores principais do projeto museal.
- Museus-escola e museus comunitários no México. E, na Cidade do México, a iniciativa de criar “a casa do museu”¹⁷ numa área periférica da capital.
 - Ecomuseus em Quebec (Canadá), França, Portugal, Noruega, Suécia, Japão, China e Brasil.
-

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Santos (SANTOS, 2017).

No Brasil, onde o potencial humano e natural apresenta gigantesca diversidade, há registrados dezenas de ecomuseus, testemunhos da vontade do povo brasileiro de colaborar para a salvaguarda de sua identidade e patrimônio sociocultural e ambiental como expressão de sua cidadania (MORAES, 2014).

A instituição responsável pela regulamentação e sistematização da atividade museológica brasileira é o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), vinculado ao Ministério da Cultura do Governo Federal.

O IBRAM, através do Cadastro Nacional de Museus, alimenta a plataforma *Museusbr*¹⁸, onde as iniciativas museais brasileiras são apresentadas e a pesquisa pode ser realizada:

- Por estado brasileiro;
- Por tipo de museu (Tradicional/Clássico; Virtual; Unidade de Conservação da Natureza; Jardim Zoológico, Botânico, Herbário, Oceanário ou Planetário; Museu de Território/Ecomuseu);
- Por temática (Artes, Arquitetura e Linguística; Antropologia e Arqueologia; Ciências Exatas, da Terra, Biológicas e da Saúde; História; Educação, Esporte e

¹⁷ *la casa del museo* (VARINE, 2006).

¹⁸ Disponível em < <http://museus.cultura.gov.br/>> Acesso em 22 set 2019.

Lazer; Meios de Comunicação e Transporte; Produção de Bens e Serviços; Defesa e Segurança Pública);

- Por eventos: data de realização, linguagens e classificação etária do público;
- Por agentes: área de atuação, coletivos ou individuais;
- Por projetos: tipos de projeto e editais com inscrições abertas.

A pesquisa por Museus de Território / Ecomuseus realizada no dia 13 de outubro de 2019 resultou em 94 iniciativas cadastradas no *Museusbr*.

As instituições reconhecidas nesta temática foram registradas conforme esquema disposto no Apêndice A – Museus de Território e Ecomuseus do Brasil cadastrados no *Museusbr* e identificados por Santos (2017).

A conjugação dos museus de território, aliados aos ecomuseus, reflete o que Varine (1996, p. 04) identifica enquanto evolução do conceito: segundo ele, a palavra “ecomuseu” se tornou uma moda e que, em determinado momento, ela deixou de representar um processo cultural, identificado com uma comunidade, num território, usando o patrimônio comum como um recurso para o desenvolvimento.

Usado na França, por exemplo, como forma de demonstrar certa modernização da atividade museológica proposta, intencionava potencializar sua atratividade para os visitantes. Varine, desta forma, prefere utilizar a denominação “museus comunitários” (DE VARINE, 1996, p. 04) .

Surge, nesse sentido, uma árdua tarefa: a de classificar a iniciativa museológica enquanto ecomuseu ou museu comunitário (ambas iniciativas que, mesmo diversas entre si, constituem conceitos componentes do que se considera “museologia ativa”¹⁹).

Peter Davis (2011) identifica como conceito original de ecomuseu, a concepção de Rivière de um museu de parque, de vocação essencialmente natural e rural; e como conceito derivado, a ideia de Varine de um museu instrumento de desenvolvimento comunitário.

Desta forma, os conceitos de ecomuseu e museu comunitário se entrelaçam, o que reflete uma demanda da museologia, em especial no Brasil, de discussão e aprofundamento das propostas de museologia social, como forma de evitar problemas de interpretação destes conceitos (LEMOS, 2018).

¹⁹ Mayrand afirma que o termo “museologia ativa” não se traduz bem para o inglês, mas, significa que um museu que participa deste movimento deve se relacionar com suas comunidades e fundamentalmente cumprir um papel social e econômico (MAYRAND, 1985 *apud* DAVIS, 2011. p.63. Tradução da autora).

Observamos que a utilização do termo “ecomuseu” no Brasil, assim como na França, “viralizou”, o que fez com que muito se perdesse das ideias e paradigmas inicialmente propostos para essa tipologia de museus. O mesmo ocorreu com o termo “museu comunitário”, pois verificamos uma ampla e diversificada compreensão do conceito “comunidade”. (SANTOS, 2017, p. 192).

Davis (2011) reafirma a dificuldade de se desenvolver ecomuseus no Brasil, entretanto, relata a importância da fundação da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários²⁰ (ABREMC), em 2004, que tinha como metas criar um fórum virtual para diálogo entre os membros, troca de ideias, promoção da museologia comunitária e pressionar o Departamento Nacional de Museus e os centros culturais a reconhecer modelos museológicos alternativos.

A ABREMC visava facilitar o trabalho em rede dos ecomuseus que se viam enquanto agentes sociais de mudança e desenvolvimento local – preocupação que exige que as ações ligadas ao patrimônio possuam, na visão de Vial (2015), qualificações e instrumentais que estejam à altura da complexidade cultural de uma determinada região, vinculadas ao estímulo à participação social.

3.3 Ecomuseus, Museus Comunitários e desenvolvimento local

Após analisar os conceitos de ecomuseu e museu comunitário previamente apresentados, de acordo com seus proponentes e o contexto onde foram elaborados, tem-se a percepção de que este modelo museal é uma expressão do tempo, quando nele a interpretação remonta desde o momento da aparição do homem e escalona através dos tempos pré-históricos e históricos para chegar no tempo do homem do presente.

O ecomuseu ainda deve apresentar uma visão do amanhã, uma vez que está ali envolvida a tomada de decisões, e por isso, ele também está voltado para o futuro, e não só para o passado e presente (ARMOND, 2015; DAVIS, 2011; VARINE, 2012).

Sob a perspectiva da motivação da implantação de um ecomuseu, Rivard (1984 *apud* Davis, 2011. p. 83) aponta quatro categorias:

²⁰ Informações adicionais acerca desta instituição estão disponibilizadas no seu perfil na rede social *Facebook*, disponível em < <https://www.facebook.com/abremc/> > Acesso em 07 out 2019.

- O ecomuseu de “descoberta”: o modelo tradicional, holístico, que explora interações da natureza e da cultura, similar àqueles criados no sistema de Parques Regionais Franceses;
- O ecomuseu de “desenvolvimento”: uma instituição mais preocupada com a comunidade, identidade cultural, regeneração econômica e objetivos políticos declarados;
- Ecomuseus “especialistas”: aqueles que lidam com indústrias específicas de uma localidade que se beneficiou de recursos naturais específicos, como minerais, florestas ou águas; e
- Ecomuseus “de combate”: tradicionalmente localizados em áreas urbanas e dedicados a abordar problemas sociais em comunidades pretéritas e presentes (RIVARD, 1984 *apud* DAVIS, 2011. Tradução da autora).

Dentre as motivações apresentadas por Rivard, destaca-se o papel ativo do ecomuseu na proposição e execução de ações que visem à resolução de questões sociais: a categoria de ecomuseu “de desenvolvimento”, portanto, se destaca neste aspecto.

As demais categorias, embora repletas de importância – os ecomuseus “de descoberta”, por exemplo, são citados por De Varine-Bohan (1976) enquanto testemunhos da evolução da natureza e do homem coerentes com a proposta de Rivière, a quem Varine considera “pai da nova museologia” (DE VARINE-BOHAN, 1976, p. 136).

Os ecomuseus “de desenvolvimento”, entretanto, se voltam a questões mais profundas do tecido social, abarcam temas mais amplos e complexos, e objetivam resultados mais duradouros.

Fica clara a relação entre questões sociais, territoriais e de desenvolvimento na iniciativa ecomuseal nos requerimentos mínimos para a implantação de um ecomuseu apresentados por Corral (2013) :

1. Uma comunidade. É a parte essencial do Ecomuseu. É o sujeito tanto quanto o objeto do ecomuseu.
2. Reconhecimento de um território fragmentado não obrigatoriamente limitado por fronteiras administrativas.
3. Um Patrimônio Integral (Natural e Cultural: tangível e intangível). Patrimônio é uma área territorial onde uma comunidade tem historicamente exercido sua relação com o meio ambiente. O trabalho do museólogo é detectar a marcação deste território e os elementos essenciais que compõem a identidade cultural de sua população.
4. Ação social como um ato altruístico. O ecomuseu é uma iniciativa da comunidade. Uma comunidade que é ciente e comprometida com a transformação social para seu desenvolvimento futuro.
5. Desenvolvimento. O ecomuseu é uma fórmula para desenvolvimento social, cultural e econômico de determinado ambiente. O ecomuseu deve ter como objetivo ser uma análise de estrutura, questões e alternativas particulares de uma comunidade. As necessidades e evoluções futuras de seu povo e das áreas vizinhas.
6. O ecomuseu não procura, portanto, eficiência técnica institucional, mas sim, o desenvolvimento de consciência crítica da Comunidade. O ecomuseu é um instrumento privilegiado de desenvolvimento comunitário, que não se refere em

primeira instância ao conhecimento e aprimoramento de patrimônio; ele pretende constituir um mero auxiliar de um sistema de progresso educacional, informativo ou cultural e democratizar o acesso à cultura. O ecomuseu é uma forma de libertar (pedagogia da libertação) a iniciativa e as ações comunitárias com objetivos comuns (CORRAL, 2013, p. 34. Tradução da autora).

Enquanto a implementação de ecomuseus se espalhava globalmente, o movimento começou a desenvolver um quadro filosófico e conjuntos de práticas que o distanciou dos museus tradicionais, como sintetiza a equação que Corsane (2006, p. 404. Tradução da autora) reproduz em seu artigo:

- Museu tradicional= edifício+ coleções+ pessoal especializado+ visitantes públicos
- Ecomuseu= território+ patrimônio+ memória+ população

Segundo Davis (2006), indicadores são qualquer informação que ajude a julgar o quão bem um serviço é prestado. Orientado por esta premissa, Corsane (2006) produziu uma revisão da repleta literatura produzida por profissionais e acadêmicos relacionados ao movimento ecomuseal, à nova museologia e a ecomuseus individuais – e identificou, como resultado, os 21 indicadores para caracterizar os ecomuseus descritos no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – Indicadores do Ecomuseu

INDICADORES DO ECOMUSEU

Um ecomuseu muitas vezes:

1. Será orientado pelas comunidades locais
 2. Permite a participação do público de todos os *stakeholders* e grupos de interesse em todos os processos e atividades de tomada de decisão de forma democrática
 3. Estimula a propriedade e a gestão conjuntas, com a contribuição de comunidades locais, conselheiros acadêmicos, empresas locais, autoridades locais e estruturas governamentais
 4. Dá ênfase aos processos de gestão patrimonial, e não aos produtos patrimoniais para consumo
 5. Incentiva a colaboração com artesãos locais, artistas, escritores, atores e músicos
 6. Depende de esforços voluntários ativos substanciais por *stakeholders* locais
 7. Tem foco na identidade local e no 'senso de lugar'²¹
 8. Engloba um território 'geográfico', que pode ser determinado por diferentes características compartilhadas
 9. Cobre aspectos espaciais e temporais, onde, em relação aos temporais, olha para a continuidade e a mudança ao longo do tempo, em vez de simplesmente tentar congelar as coisas no tempo.
-

²¹ Do inglês “*sense of place*”, algo como um sentimento de pertencimento, o conhecimento de que habitamos um lugar com características distintas. Para mais, veja Davis (2011) .

-
10. Assume a forma de um "museu fragmentado", consistindo em uma rede com um *hub*²² e antenas de diferentes edifícios e locais
 11. Promove preservação, conservação e salvaguarda de recursos patrimoniais in situ
 12. Dá igual atenção à cultura material tangível imóvel e móvel, e aos recursos do patrimônio imaterial
 13. Estimula o desenvolvimento sustentável e o uso sustentável de recursos
 14. Permite mudanças e desenvolvimento para um futuro melhor
 15. Incentiva um programa contínuo de documentação da vida passada e presente e interações das pessoas com todos os fatores ambientais (incluindo físico, econômico, social, cultural e político)
 16. Promove pesquisas em vários níveis — desde a pesquisa e compreensão de "especialistas" locais até pesquisas de acadêmicos
 17. Promove abordagens multidisciplinares e interdisciplinares para a pesquisa
 18. Incentiva uma abordagem holística para a interpretação das relações cultura/natureza
 19. Tenta ilustrar conexões entre tecnologia/indivíduo, natureza/cultura e passado/presente
 20. Prover uma intersecção entre patrimônio e turismo responsável
 21. Traz benefícios para as comunidades locais, por exemplo, um sentimento de orgulho, regeneração e/ou renda econômica
-

Fonte: Corsane (2006, p. 404.Tradução da autora).

Ao destacar as iniciativas museológicas enquanto ferramentas de desenvolvimento local, faz-se importante a apresentação deste conceito: desenvolvimento local, segundo Varine (2014), é o processo de identificação e utilização de todos os recursos naturais, humanos e culturais de um território, por meio da mobilização das forças ativas da comunidade. É um processo que implica “planejamento técnico, insumos de fontes externas e recursos, integração em sistemas e economias regionais, nacionais e mesmo internacionais, mas precisa ser controlado localmente” (VARINE, 2014, p. 26).

Neste sentido, Varine (2012) produz uma vasta e interessante reflexão acerca do papel dos atores do território, do patrimônio e dos empreendimentos que visam ao desenvolvimento local num esforço coletivo e cooperativo: o livro “As raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local”, originalmente publicado na língua francesa, que em sua edição na língua portuguesa traz tradução e contextualização de Maria de Lourdes Parreiras Horta, museóloga *expert* na temática museal e patrimonial, além de colega de trabalho e amiga pessoal de Varine.

²² Um espaço em que se reúnem empresas nascentes de base tecnológica com alto potencial de crescimento – *as startups* –, além de médias e grandes empresas e potenciais investidores. Definição disponível em <<https://www.bndes.gov.br/>> Acesso em 07 fev 2021.

De forma análoga ao título da publicação, Varine (2012) afirma que o patrimônio material ou imaterial, morto ou vivo, fornece o húmus, a terra fértil necessária ao desenvolvimento. Suas raízes devem se nutrir dos numerosos materiais que, na sua maioria, estão presentes no patrimônio: o solo e a paisagem, a memória e os modos de vida dos habitantes, as construções, a produção de bens e de serviços adaptados às demandas e às necessidades das pessoas, dentre outros.

O autor ainda explica que a natureza e a cultura são vivas, enquanto pertencem a uma população da qual constituem o patrimônio; e que morrem muito depressa quando são apropriadas e codificadas por especialistas externos à população. A gestão do patrimônio deve ser feita o mais próximo possível dos criadores e dos detentores desse patrimônio, de modo a não o separar da vida. O papel das instituições especializadas é sensibilizar, facilitar, educar, pôr em contato, mediatizar, gerir pela margem em função do interesse geral.

As raízes do Futuro (VARINE, 2012) traz uma síntese da discussão teórica acerca do desenvolvimento local em forma de questões ou sequências de pesquisa que, adaptadas à realidade do local de atuação, almejam estimular discussões em grupo através de orientações práticas.

Ao Ecomuseu que pretende assumir o papel de ator local na proposta de Varine de desenvolvimento em consonância com seu patrimônio, a referida publicação sugere enquanto diretrizes coerentes e efetivas as Fichas Práticas.

Embora o autor seja pragmático na afirmação de que não há manuais e nem soluções padronizadas para os desafios inerentes à gestão do patrimônio natural e cultural, seu testemunho e dedicação a estas questões fornecem um aparato de ações que, mediante adaptação a cada realidade territorial, comunitária e patrimonial, se torna um valioso ponto de partida para ações da comunidade, com a comunidade e para a comunidade.

4 DESIGN

A declaração do Chefe Indígena Seattle para o então Presidente dos Estados Unidos em 1894 de que “[...] este é o fim da vida e o início da sobrevivência” (BELLAIGUE, 1970, p. 63), sintetiza o cenário de degradação ambiental que, naquele momento, começava a trazer dificuldades para a humanidade no planeta Terra.

O que Bellaigue (1970, p. 63) denomina “mundo globalizado” se instaurou tendo como efeitos colaterais na esfera ambiental o desmatamento de florestas nativas, poluição atmosférica e hídrica, perda da biodiversidade animal e vegetal; e na esfera sociocultural o aprofundamento das desigualdades sociais e enfraquecimento das comunidades tradicionais.

Este cenário ainda recebe, no início do século XXI, um elemento capaz de alterar toda a dinâmica das relações humanas: a explosão do meio digital que transforma profundamente a paisagem política, social e cultural – origem do que Rafael Cardoso (2013, p. 13) chama de “mundo complexo”.

Ono (2013, p. 104) afirma que “a natureza, o desenvolvimento e a cultura do ser humano configuram-se como processos inseparáveis”. E é dessa relação fundamental que emergem, segundo a autora, os símbolos, a linguagem, a comunicação, os valores e os modos de viver e relacionar-se das pessoas na sociedade.

Um dos caminhos para ressignificar a relação entre valores humanos, naturais e tecnológicos pode ser através do design, enquanto filosofia, campo de conhecimento e atuação profissional.

Nossa visão sobre design vem mudando bastante na medida em que começamos a entender melhor os princípios e mecanismos que fazem surgir e manter os sistemas complexos. Por exemplo, até recentemente processos de design eram vistos como lineares, que se moviam de problemas para soluções. Agora são vistos como processos, onde o entendimento evolui paralelamente à sua solução.

O que antes era percebido como um processo para se chegar a uma única solução, agora é percebido como dependente do contexto e capaz de produzir múltiplas soluções. O que entendíamos como problemas técnicos, são agora entendidos como problemas éticos, ambientais e até políticos. O processo que antes estava centrado apenas em um agente, na maioria das vezes o criador ou designer, tem agora foco em um complexo sistema de agentes adaptativos, tais como os usuários, o meio ambiente, a cultura, a tecnologia, o mercado e outros (BEZERRA, 2008, p. 42).

Ao ampliar o interesse do design do pontual para o sistêmico, reconhece-se a sua capacidade de apontar soluções para questões complexas. Dadas as inúmeras formas de interação de humano e não-humano, este estudo optou por analisar a relação entre

comunidade, patrimônio e território – base do conceito de ecomuseu previamente apresentado.

Para que cada um destes aspectos seja contemplado sob a ótica do design, serão detalhadas três de suas vertentes: o design de território e o design para a inovação social e sustentabilidade, na tentativa de analisar o contexto não-humano desta tríade – o patrimônio e o território; e o design de serviços, enquanto estratégia para analisar o contexto humano: a comunidade. O objetivo desta análise é identificar, nas abordagens de design escolhidas, ferramentas de trabalho que contribuam para a implantação de um ecomuseu.

4.1 Design e Território

Manzini (2015, p. VII Tradução da autora) reconhece a relação primária entre seres humanos e design – uma capacidade de fazer as coisas para servir a uma meta útil, como ele afirma – há mais de 2,5 milhões de anos, "quando o *Homo habilis* fabricava as primeiras ferramentas". Portanto, o design será uma forma de analisar a interação entre valores humanos, natureza e tecnologia.

Em relação ao território como assunto, Vasquez *et al.* (2019) consideram-no uma questão multifatorial que passa por constantes transformações (CAMARGO; LOZANO, [s.d.]), onde movimentos iterativos entre as coisas vivas e não vivas levam ao que Manzini (2015, p. 193. Traduzido pela autora) chamou de "nova ecologia territorial": se um território é um ecossistema de lugares e comunidades, a construção ou reconstrução desses lugares e comunidades em toda sua variedade e riqueza cultural também leva à produção de um ecossistema mais rico e variado, que é, portanto, mais resiliente.

A estratégia territorial revela o grupo social, as atividades econômicas e as realidades das instituições locais, assim como contribui para o planejamento do desenvolvimento das regiões (ORTEGA, 2008). Um projeto que tenha o território como foco pode apoiar iniciativas que funcionem "desde construções mentais até o desenvolvimento de soluções 'concretas', relacionadas às demandas existentes ou latentes" (KRUCKEN, 2011, p. 363).

O primeiro passo para um processo de design atento à questão territorial deve ser, conforme Vasquez *et al.* (2019), a identificação das variáveis que ali interagem e delas a extração de questões-chave a serem abordadas de forma multidisciplinar.

Dessa forma, o território deve ser compreendido em diferentes escalas, desde os eventos comuns que movem o planeta até a variação ou particularidade de uma região específica, ou seja, um nível global inclusivo para dar uma estrutura referencial e uma escala local que aponta para as peculiaridades do território (VASQUEZ *et al.*, 2019, p. 144. Tradução da autora).

Desde que o design contemporâneo reconheça questões-chave através da análise de incidentes no território, ele se torna um espectador de complexidade e, portanto, um sensor de questões emergentes e, ao definir a discussão sobre o território no futuro, produz novas visões.

Atualmente, um designer estratégico deve acrescentar como competência a capacidade de enfrentar problemas, identificar oportunidades de ação e propor soluções que conectem em cada região os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, entre outros – de forma que as ações empreendidas localmente estejam ligadas à realidade global (VASQUEZ *et al.*, 2019).

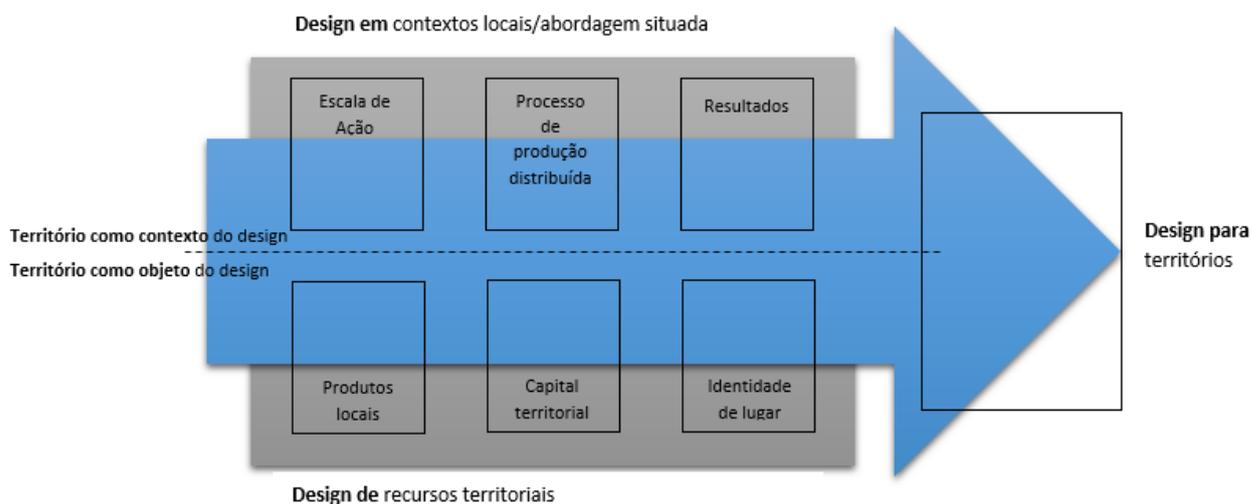
O trabalho do designer deve ser permeado pelo conhecimento da comunidade, "vital para gerar alternativas de mudança que se adaptem às necessidades, experiências e crenças das pessoas que vivem e sentem os territórios todos os dias" (CAMARGO; LOZANO, [s.d.], p. 10. Traduzido pela autora).

Embora as teorias de design e de território tenham características semelhantes e complementares, a relação entre elas só começou a ser analisada no final da década de 1990, quando a transformação econômica, produtiva e social das grandes cidades provocou a aproximação de "dois conceitos aparentemente antitéticos": o passado, representado principalmente pelo patrimônio cultural e outras formas de herança; e o futuro, transmitido na ideia de inovação (PARENTE; SEDINI, 2017; VASQUEZ *et al.*, 2019).

Desde então, a perspectiva de território por projeto vem mudando, desde a observação do território como contexto de design (que gera um projeto responsivo "em" um território) até um objeto de intervenção (onde a resposta é o projeto "de" um território), e

depois a um sistema relacional (origem do projeto "para" um território) (PARENTE; SEDINI, 2017). A Figura 1 ilustra esta dinâmica.

Figura 1 – Design em/de/para os territórios



Fonte: Parente & Sedini (2017, p. 3049 Tradução da autora)

Portanto, uma definição atual de Design para Territórios pode ser uma abordagem estratégica de *design thinking*²³ focada em capacitar os locais; criar um sistema local sólido, identificar valores e objetivos comuns e promover o reconhecimento dessa localidade em nível global.

Essa abordagem considera o território como um sistema de ações sinérgico, estratégico e colaborativo nos aspectos produtivos, sociais, ambientais e culturais. O território é o palco onde ocorre a relação sensível entre tradição e inovação (PARENTE; SEDINI, 2018).

O design e o território focam na apropriação feita pelas comunidades, sua identidade e sua relação com seu meio ambiente. No território, o local, o regional e o global estão se sobrepondo, resultando em diferentes formas de percepção e avaliação que podem ser metamórficas e conflitantes. O conflito faz parte da natureza e da vida, é o resultado da relação entre pessoas solteiras e a comunidade; não é um fato negativo em si que deve ser eliminado, mas é uma visão diferente que requer ser estudada e analisada. É também um catalisador potencial que impulsiona transformações que de outra forma levariam muito tempo. [...] Pensando na inter-

²³ Pensamento de design, numa tradução livre. O autor Kees Dorst justifica a origem do termo na observação do modo como os designers trabalham. Salienta que estas são práticas profissionais elaboradas pelas disciplinas de design após anos lidando com problemas abertos e complexos, o que “leva a um interesse particular na maneira como os designers criam métodos, e na maneira como as organizações de design lidam com métodos em seu campo de prática” (DORST, 2011, p. 522. Traduzido pela autora)

relação entre as múltiplas dimensões do conflito e do design, também abordará os grandes desafios existentes nos diversos territórios: da desigualdade social e econômica, das dramáticas mudanças ambientais, dos processos de identidades e seus delírios populistas, das migrações (internacional, rural para setores urbanos, intermunicipais, etc.), do envelhecimento da população e das transformações culturais à equidade e identidade de gênero entre muitos outros (“7th International Forum of Design as a Process. DESIGN AND TERRITORY; Emergencies and Conflicts, WEBINAR SPEAKERS”, 2020).

Krucken (2011) considera que o maior desafio para o design é transformar o território em um "escopo de projeto" e compreender a dinâmica que inter-relaciona uns aos outros sobre ele. Alcançar esse nível de compreensão é importante para:

- repensar a relação entre o patrimônio local, produtivo e cultural e as demandas dos tempos atuais, em busca de um diálogo entre especificidades locais e valores globais;
- reformular a identidade do território e afiná-la com desafios e possibilidades contemporâneas, trabalhando para a criação de novos significados e relações entre recursos existentes e potenciais;
- colocar no centro de ações estratégicas vários valores positivos, como abertura, convívio e sustentabilidade;
- desenvolver novas narrativas, pequenas e locais, a serem compartilhadas com cidadãos novos e velhos (PARENTE; SEDINI, 2018, p. 128).

A publicação *Participation Works! 21 Techniques of Community Participation for the 21st Century* (NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000) traz sugestões de abordagens que reforçam o protagonismo comunitário nos processos de planejamento e gestão que ocorrem no território. Algumas delas serão apresentadas no Quadro 4 abaixo, de forma sintética.

Quadro 4 – Técnicas para participação comunitária

PLANO DE AÇÃO

Envolve eventos colaborativos cuidadosamente estruturados em que todas as seções da comunidade trabalham em estreita colaboração com especialistas de diferentes disciplinas para lidar com questões de planejamento e design urbano.

Os eventos são normalmente organizados por uma parceria de interesses locais. Eles são facilitados por uma equipe multidisciplinar, geralmente de cerca de 10 a 15 pessoas com uma gama de conhecimentos relevantes, como planejamento urbano, design urbano, arquitetura, economia de desenvolvimento, ecologia e assim por diante. Os membros da equipe podem vir inteiramente

de fora da área, fornecendo uma perspectiva nova e independente, ou podem incluir pessoas locais. Os eventos normalmente duram de 4 a 5 dias, mas podem durar de um dia a várias semanas.

ACT, CREATE, EXPERIENCE (ACE)

O objetivo da ACE é explorar, mostrar e apoiar a contribuição que os jovens (de 13 a 25 anos) podem fazer para o processo da Agenda Local 21. O modelo envolve uma visão holística dos jovens e seu ambiente que permite a diversidade da experiência juvenil. Preocupa-se com: direito, participação, igualdade, acesso, oportunidade, desenvolvimento pessoal e parceria para fazer um mundo melhor e sustentável. A ACE inclui perspectivas locais, nacionais e internacionais.

MÉTODO DE ESCOLHAS

Envolve um grande número de pessoas no desenvolvimento de uma visão para sua comunidade de tal forma que elas são então inspiradas a agir para concretizá-la.

O Método de Escolhas é um processo elaborado que precisa de um longo tempo de liderança, no qual o apoio da mídia local e dos voluntários é crucial.

OS JÚRIS DOS CIDADÃOS

Fornecem uma forma estruturada de envolver os cidadãos no processo decisório e de responsabilizar os órgãos públicos.

O Júri de Cidadãos é tipicamente composto por 16 pessoas, selecionadas na medida do possível para serem representativas da comunidade, com um equilíbrio de homens e mulheres e uma mistura adequada de etnia, empregados/desempregados, etc. Não há auto seleção. O tema pode ser controverso, como o que fazer com drogas na comunidade, ou uma questão sobre a qual sugestões são procuradas, como, como regenerar uma determinada área. O tema deve ser substancial o suficiente para justificar a atenção de vários dias, mas não tão grande que o júri não possa lidar com isso no tempo disponível. Um júri dura de três a cinco dias, geralmente quatro. O júri ouve apresentações de testemunhas, que dão diferentes lados da discussão. As testemunhas podem ser oficiais da autoridade local, especialistas científicos e profissionais, representantes de grupos de pressão, membros do público com conhecimentos/preocupações específicos, etc. Há um ou dois moderadores independentes para ajudar o processo do júri a correr sem problemas. O júri às vezes tem seu próprio advogado ou amigo dos jurados para ajudar no interrogatório e discussão. Após debate, o júri tira suas conclusões em relatório apresentado ao órgão comissionado. O relatório deve registrar quaisquer divergências.

INDICADORES COMUNITÁRIOS

São ferramentas para simplificar, medir e chamar a atenção para questões importantes.

As pessoas locais decidem juntas o que é importante para elas e concordam com a melhor forma de medir se as coisas estão melhorando ou piorando. Os resultados aumentam a conscientização sobre

problemas e oportunidades e ajudam a construir um acordo sobre o que deve ser feito. Ao dar voz às pessoas locais, eles literalmente fazem as comunidades contarem.

MAPAS PAROQUIAIS

Incentivar as pessoas a se unirem para explorar e expressar o que valorizam em seu lugar e tomar uma parte ativa em seu cuidado e desenvolvimento. Mapas paroquiais podem resultar em maior nível de conscientização da comunidade. Essa pode ser a inspiração para muitas novas iniciativas.

Fonte: NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000. P. 10-35. Tradução da autora.

4.2 Design para a Inovação Social e Sustentabilidade

Quando a sociedade percebe que os padrões de produção e consumo em consolidação desde a Revolução Industrial não serão mais alcançáveis, cresce a preocupação acerca da disponibilidade de recursos naturais necessária para a manutenção da vida humana no planeta Terra.

Emerge deste temor o conceito de “desenvolvimento sustentável”, descrito no Relatório Brundtland²⁴ como o desenvolvimento que supre as demandas da geração atual sem comprometer a habilidade de futuras gerações de suprir as suas próprias demandas (LANA, 2009, p. 60).

O designer Victor Papanek (1972), já na década de 1970, afirmava que o design deve ser a ponte entre as necessidades humanas, a cultura e a ecologia. Manzini (2008) afirma que para ser sustentável, um sistema de produção, uso e consumo deve satisfazer as demandas da sociedade por produtos e serviços, sem que rompa ciclos naturais e sem afetar o capital natural.

Para Vezzoli e Manzini (2006), design para sustentabilidade e inovação começa no âmbito local, mas, ao mesmo tempo (para evitar ser limitado pelo localismo²⁵), desenvolve uma atitude criativa transcultural, migrante, portanto dotada de uma criatividade social efetiva, apta a se tornar parte da ampla transição rumo à sustentabilidade.

²⁴ Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Relatório de Brundtland – Nosso Futuro Comum**. Oxford; Oxford University Press, 1987.

²⁵ Defesa sistemática dos interesses locais. Definição disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/localismo/>> Acesso em 31 out 2019.

Por outro lado, Tischner e Verkuijl (2006) ressaltam que inovações do sistema não são automaticamente sustentáveis. Elas deveriam, para tanto, ser planejadas com o auxílio de ferramentas para integrar os critérios de sustentabilidade e deveriam ser percebidas com um processo de implementação que controle os impactos ambientais, econômicos e sociais destas inovações.

Vezzoli e Manzini (2006) complementam que atingir a sustentabilidade plena requer trabalho em parceria e investimento intelectual, e destacam o papel estratégico do design enquanto ativador de interações e inovações na sociedade.

Por muito tempo a inovação foi considerada enquanto um conceito estritamente conectado ao campo dos materiais e tecnologia (TAMBORRINI, 2012). Atualmente, este processo também considera a provisão das necessidades sociais contemporâneas e futuras.

Para Niedderer (2013), pesquisadora do campo das relações sociais, a inovação social traz uma perspectiva diferente para as definições tradicionais do design, já que tal campo de atuação é um ponto essencial para a inserção da sustentabilidade na teoria e prática do design, embora ressalte que este processo vem acontecendo lentamente.

A proposta desenvolvida por Leyla Acararoglu contribui para que problemas de ordem social, ambiental ou econômica sejam trabalhados, e estimula soluções pensadas e executadas coletivamente. O Método de Design Disruptivo, elaborado por ela, é descrito no Quadro 5.

Quadro 5 – Descrição resumida do método Design Disruptivo

FASE 1: PROSPECÇÃO

Ame o problema. Mergulhe fundo na arena de problemas. Desenvolva abordagens de pesquisa. Explore os elementos internos e desenvolva *insights*.

FASE 2: PAISAGISMO

Mapeamento de sistemas. Identificar os principais elementos do sistema, mapear como eles interagem, se relacionam e se conectam. Identificar pontos de intervenção.

FASE 3: INTERAÇÃO E INTERVENÇÃO

Gere ideias disruptivas para intervenções. Explore viabilidade. Teste, crie protótipos e repita. Faça a mudança!

4.3 Design de Serviços

O Diagnóstico do Design Brasileiro (2014) aponta para uma mudança paradigmática na área: de um modelo voltado para a produção industrial a uma atividade que destaca o setor de serviços, a difusão de informações e a construção de significados.

Converge com esta constatação a declaração de Manzini (2004 apud MORAES, 2016) de que a próxima economia não se baseia mais em apenas bens de consumo. Seus produtos tornaram-se entidades complexas, baseadas nas interações de pessoas, objetos e lugares por meios de redes sociais e tecnológicas, a fim de obterem um valor de reconhecimento comum.

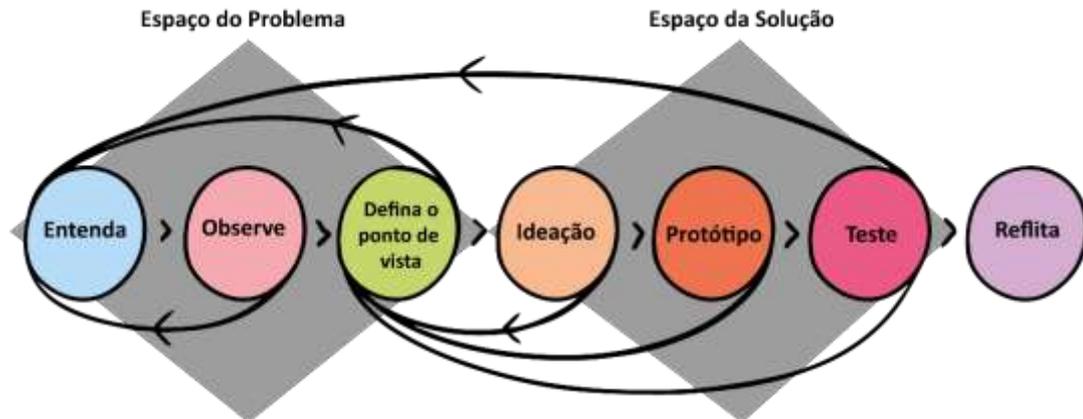
Bonsiepe (1997) apresenta sete caracterizações ou teses do design:

1. Design é um domínio que pode se manifestar em qualquer área do conhecimento e “práxis humana”.
2. O Design é orientado ao “futuro”.
3. O Design está relacionado à “inovação”. O ato projetual introduz algo novo no mundo.
4. O Design está ligado ao corpo e ao espaço, particularmente ao “espaço retinal”, porém não se limitando a ele.
5. Design visa à “ação efetiva”.
6. Design está linguisticamente ancorado no campo dos “juízos”.
7. Design se orienta à “interação entre usuário e artefato”. O domínio do design é o domínio da interface (BONSIEPE, 1997, p. 15).

Ao atuar enquanto intermediário na relação usuário e artefato, o design de serviços almeja garantir que as interfaces do serviço – ou seja, os pontos de contato entre o humano e o não humano – sejam úteis, utilizáveis e desejáveis do ponto de vista do cliente (STICKDORN; SCHNEIDER, 2010).

A este intento se alinha a mentalidade da Caixa de Ferramentas do *Design Thinking*: é orientado pela curiosidade; focado nas pessoas; aceita a complexidade; se preocupa com os processos de visualização, apresentação, experimentação e iteração; propõe co-criar, crescer e escalar, atuar através de várias perspectivas e estruturas; desenvolver consciência do processo; colaborar em redes de trabalho e refletir acerca das ações tomadas (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). A Figura 2 traz uma representação gráfica do processo.

Figura 2 – Representação gráfica do processo de *Design Thinking*



Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019, p. 22. Traduzido pela autora).

As ferramentas são agrupadas de acordo com a fase do processo para a qual pretendem coletar informações, com o acréscimo das sugestões de Aquecimento²⁶ dos participantes, executadas antes do processo de *design thinking* em si. O Quadro 6 traz uma síntese das ações de Aquecimento propostas.

Quadro 6 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Aquecimento

AQUECIMENTOS QUE SE AJUSTAM AO CENÁRIO
<p>JOGO DAS PALMAS</p> <p>Eu gostaria... de gerar um clima positivo.</p> <p>Objetivo de aprendizagem: Lidando com erros.</p>
<p>BINGO</p> <p>Eu gostaria... que os participantes se conheçam melhor de forma divertida e rápida.</p>
<p>PARE & SIGA</p> <p>Eu gostaria... de romper ou superar obstáculos sociais, aumentar a concentração e nos divertirmos.</p> <p>Objetivo de aprendizagem: Lidando com erros.</p>
<p>30 CÍRCULOS</p> <p>Eu gostaria... de incentivar os participantes a agir de forma criativa.</p> <p>Objetivo de aprendizagem: Criar confiança na própria criatividade; remover o "bloqueio de folha branca" e direcionar o foco na mensagem, não na beleza do esboço.</p>
<p>NINJA</p>

²⁶ *Warm Up*. Tradução da autora.

Eu gostaria... de distrair os participantes para que eles possam se concentrar novamente mais tarde.
Objetivo de aprendizagem: Este aquecimento requer raciocínio rápido e controle corporal e é muito divertido.

DESAFIO MARSHMALLOW

Eu gostaria... de incentivar os participantes a traduzir ideias em prática rapidamente e promover o trabalho em equipe.

Objetivo de aprendizagem: Promover o pensamento com as mãos e reconhecer que iterações e testes são importantes.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Na primeira fase, de Entendimento²⁷, o objetivo é mais sobre o potencial usuário, suas necessidades e as tarefas que deve completar. Ao mesmo tempo, define-se melhor a estrutura criativa para a qual as soluções serão projetadas. Uma síntese das ações propostas é descrita no Quadro 7 abaixo.

Quadro 7 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Entendimento

ENTENDIMENTO

DECLARAÇÃO DO PROBLEMA

Eu gostaria... de definir a declaração de problema chave coerentemente e capturá-la em uma frase simples.

PRINCÍPIOS DO DESIGN

Eu gostaria... de definir diretrizes que constituem a estrutura para a equipe durante um projeto de *design thinking*.

ENTREVISTAS PARA EMPATIA

Eu gostaria... de considerar o problema do ponto de vista do usuário e criar empatia com ele.

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Eu gostaria... para saber mais sobre o usuário antes de pensar em novos produtos ou serviços.

PERGUNTE 5 VEZES POR QUÊ?

Eu gostaria... de entender um problema em profundidade, não apenas arranhar a superfície.

QUESTÕES 5 W+H

²⁷ *Understand*. Tradução da autora.

Eu gostaria... de obter *insights* aprofundados, bem como novas descobertas e informações, a fim de compreender o problema ou a situação de forma holística ou simplesmente para encontrar perguntas relevantes para uma entrevista.

JOBS TO BE DONE

Serviços a serem feitos

Eu gostaria... de focar a solução de problemas em coisas que são um valor agregado para o cliente e ajudá-lo a realizar suas tarefas.

USUÁRIOS EXTREMOS/ USUÁRIOS PRINCIPAIS

Eu gostaria... para encontrar novas ideias inovadoras e necessidades do usuário (ainda desconhecidas pelo usuário médio.

MAPA DOS STAKEHOLDERS

Eu gostaria... de obter uma visão geral de todas as partes interessadas, ou seja, organizações e pessoas que têm uma reivindicação ou interesse no problema e uma solução em potencial.

CARTÕES DE RESPOSTA EMOCIONAL

Eu gostaria... de saber mais sobre os sentimentos do usuário ao interagir com ele para obter melhores resultados de entrevista e *insights*.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

A segunda fase é a de Observação²⁸, na qual os autores sugerem ir ao local onde os potenciais usuários estão localizados, pois apenas “a realidade pode mostrar se nossas suposições serão confirmadas” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019, p. 19. Tradução da autora). As ações propostas nesta fase estão sintetizadas no Quadro 8:

Quadro 8 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Observação

OBSERVAÇÃO

MAPA DA EMPATIA

Eu gostaria... de entender melhor o cliente/usuário, perceber seus sentimentos e simpatizar com suas ações.

PERSONA/PERFIL DO USUÁRIO

Eu gostaria... de saber mais sobre o usuário/cliente e uma possível solução.

MAPA DA JORNADA DO CONSUMIDOR

²⁸ *Observe*. Tradução da autora.

Eu gostaria... de andar no lugar dos meus clientes para entender em grande detalhe o que eles experimentam quando interagem com nossa empresa, nossos produtos ou serviços.

AEIOU

Atividades (*Activities*), Ambiente (*Environment*), Interação (*Interação*), Objetos (*Objects*), Usuário (*User*).

Eu gostaria... de saber mais sobre o problema, o usuário/cliente e seu ambiente.

CONSTRUTOR DE PERGUNTAS DE ANÁLISE

Eu gostaria... de tornar possível obter *insights* a partir da análise de *big data* que são úteis em várias fases do processo de *design thinking*.

PARES OBSERVANDO PARES

Eu gostaria... de entender no nível dos olhos o que realmente está acontecendo.

ANÁLISE DE TENDÊNCIAS

Eu gostaria... de reconhecer tendências em um estágio inicial e integrá-las na definição do problema e encontrar uma solução.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

A fase seguinte é a Definição do Ponto de Vista²⁹, formulado através da avaliação, interpretação e ponderação dos achados reunidos no processo, sintetizada no Quadro 9 abaixo:

Quadro 9 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Definição do Ponto de Vista

DEFINIÇÃO DO PONTO DE VISTA

PERGUNTA “COMO PODERÍAMOS”?

How might we...?

Eu gostaria... de formular uma pergunta que torna possível mais tarde, na fase Ideação, trabalhar de forma direcionada.

STORYTELLING

Eu gostaria... de apresentar meus *insights*, ideias e soluções para os membros da minha equipe e outras partes interessadas.

MAPEANDO O CONTEXTO

Eu gostaria... de lidar com o contexto, por exemplo, de um problema.

²⁹ *Define Point of View*. Tradução da autora.

DEFINA SUCESSO

Eu gostaria... de fornecer suporte à equipe em todo o ciclo de design, especialmente em relação ao leque de opções.

CONE DE VISÃO

Eu gostaria... de projetar um futuro desejável e explorar o que tem que ser feito agora para atingir esse objetivo ao longo do tempo.

DIAGRAMA DE ITENS CRÍTICOS

Eu gostaria... de estruturar os achados a partir das fases iniciais e nos preparar para ideação e experimentação.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Uma vez definido o ponto de vista, começa a fase de Ideação³⁰ que utiliza técnicas criativas para selecionar e agrupar as ideias identificadas, conforme Quadro 10 abaixo:

Quadro 10 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Ideação

IDEAÇÃO

BRAINSTORMING

Eu gostaria... de idear rapidamente – quantidade é mais importante do que qualidade.

MATRIZ 2X2

Eu gostaria... de categorizar e priorizar ideias ou identificar oportunidades e padrões estratégicos.

VOTAÇÃO DE PONTO

Eu gostaria... de tomar uma decisão clara sobre quais opções devem ser perseguidas na forma de ideias ou conceitos.

MÉTODO 6-3-5

Eu gostaria... de gerar muitas ideias rapidamente e de forma estruturada no grupo.

BRAINSTORMING ESPECIAL

Eu gostaria... de gerar um grande número de ideias incomuns em um período limitado de tempo.

ANALOGIAS & *BENCHMARKING* COMO INSPIRAÇÃO

Eu gostaria... de encontrar inspiração para ideias e abordagens explorando "mundos" que parecem existir separadamente no contexto da declaração de problemas.

NABC

³⁰ *Ideate*. Tradução da autora.

Necessidade, Abordagem, Benefício, Competição

Eu gostaria... de capturar o núcleo de uma ideia dentro de um tempo curto e compartilhá-lo com outros de uma maneira direcionada.

FERRAMENTA OCEANO AZUL & MAPA UTILITÁRIO DO COMPRADOR

Eu gostaria... de diferenciar um produto ou serviço da concorrência e abrir novas oportunidades de mercado.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Estas ideias serão testadas pelos usuários em potencial, rapidamente e sem riscos, na fase de Protótipo³¹ descrita no Quadro 11 abaixo:

Quadro 11 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Protótipo

PROTÓTIPO

EXPERIMENTOS COMBINADOS – PROTÓTIPO FUNKY

Eu gostaria... de combinar os achados de experimentos iniciais a fim de completar a exploração do espaço problema.

MAPA DA EXPLORAÇÃO

Eu gostaria... de saber quais experimentos eu fiz até agora e como eu posso classificá-los.

DO PROTÓTIPO AO TESTE

Eu gostaria... de avaliar se as necessidades do usuário foram atendidas com as ideias implementadas.

PLANTA DO SERVIÇO

Eu gostaria... de adquirir um entendimento comum da interação e dos processos que têm impacto na satisfação do cliente, no acerto ao alvo e na eficiência.

MVP

Produto Mínimo Viável (*minimum viable product*)

Eu gostaria... de traduzir as necessidades do usuário em um produto simples e funcional e testar se a oferta será bem sucedida no mercado.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

³¹ *Prototype*. Tradução da autora.

A fase de Testagem³², descrita no Quadro 12 abaixo, utiliza o protótipo criado, mesmo que já tenham sido desenvolvidas funções individuais, experiências ou formulários – o mais importante é permitir ao usuário em potencial que interaja com o protótipo, e que os resultados sejam cuidadosamente documentados.

Quadro 12 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Testagem

TESTE
FOLHA DE TESTE
Eu gostaria... de preparar a sequência de teste e documentar os seus resultados.
GRADE DE CAPTURA DE <i>FEEDBACK</i>
Eu gostaria... de testar minhas ideias protótipos rapidamente e simplesmente e escrever os resultados para desenvolvimentos futuros.
PERGUNTAS PODEROSAS EM TESTAGEM DE EXPERIÊNCIAS
Eu gostaria... de avaliar ideias, protótipos, serviços ou um produto testando-os com clientes ou usuários reais.
ENTREVISTA DE SOLUÇÕES
Eu gostaria... para descobrir se uma solução é aceita pelo usuário.
Testagem estruturada de usabilidade
Eu gostaria... de testar meus protótipos com potenciais usuários em condições definidas e uniformes.
TESTAGEM A/B
Eu gostaria... de revisar uma suposição ou comparar duas variantes (em termos de quantidade ou qualidade) para descobrir quais são as preferências dos usuários/clientes.

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Embora a Reflexão³³ permeie todo o processo de *design thinking*, este momento resgata pontos importantes de todo o percurso, como descrito no Quadro 13 abaixo:

Quadro 13 – Ferramentas do Design *Thinking* para a fase de Reflexão

REFLEXÃO

³² *Testing*. Tradução da autora.

³³ *Reflect*. Tradução da autora.

Eu gosto, eu desejo, eu me pergunto

Eu gostaria... de fornecer feedback construtivo e manter um humor positivo.

RETROSPECTIVA "VELEIRO"

Eu gostaria... de refletir sobre o procedimento e aprender algo novo para melhorar a mim mesmo (ou o procedimento) para a próxima iteração, no final de cada iteração, e no final do projeto.

CRIE UM PITCH

Eu gostaria... de compartilhar os resultados e *insights* com a equipe no final de uma iteração, e também em intervalos regulares com os *stakeholders*.

LEAN CANVAS

Eu gostaria... de traduzir um problema em uma solução que leve em consideração tanto as necessidades do cliente quanto o meu próprio contexto de negócios.

LIÇÕES APRENDIDAS

Eu gostaria... de refletir e registrar os *insights* adquiridos durante e no final de um projeto de *design thinking*.

ROAD MAP PARA IMPLEMENTAÇÃO

Eu gostaria... de colocar o foco na implementação bem-sucedida de oportunidades de mercado potenciais desde o início.

Problemas para crescer e expandir o funil de inovação

Eu gostaria... de tornar as iniciativas de crescimento transparentes em um "funil".

Fonte: (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). Traduzido e adaptado pela autora.

A Caixa de Ferramentas do *Design Thinking* está imbuída da essência do Design de Serviços descrita por Stickdorn (2010, p. 23. Traduzido pela autora) enquanto um processo criativo de soluções através de experiências que combinam meios tangíveis e intangíveis. Se configura ainda como uma maneira de lidar com desafios internos e externos, e passa a ser uma abordagem adequada para lidar com iniciativas estratégicas e os desafios operacionais inerentes ao processo de implantação de um ecomuseu.

5 ESTUDO DE CASO: O ECOMUSEU DO CARSTE

A cidade de Matozinhos, Minas Gerais, foi emancipada no ano de 1944. Embora considerada uma cidade de autonomia recente - com menos de um século de emancipação - Matozinhos tem um patrimônio milenar, de destaque internacional, em seu território.

A região onde esta cidade se insere é conhecida mundialmente desde o século XIX, quando o naturalista dinamarquês Peter Lund descreveu para o mundo, pela primeira vez, a existência de pinturas rupestre na região de Lagoa Santa, onde o município se insere. A Imagem 1 traz como exemplo de um dos mais significativos achados de Lund.

Imagem 1 – conjunto de pinturas rupestres do Parque Estadual da Cerca Grande



Fonte: Arquivo da autora.

Há nesta região especificidades geológicas resultantes da interação de cursos d'água e do solo calcário, motivo pelo qual foi ali instituída a Área de Proteção Ambiental (APA) Carste de Lagoa Santa (Figura 3).

Figura 3 – Localização das cavernas e situação dos principais conjuntos de feições cársticas do Carste de Lagoa Santa

Mocambeiro, distrito de Matozinhos e de origem quilombola (mocambo significa refúgio de escravos nas matas; quilombo), se localiza ao norte de Belo Horizonte, na região centro-sul e Minas Gerais. É uma das regiões brasileiras mais importantes em termos de paisagem cárstica e da história das ciências naturais do país e faz parte da Área de Proteção Ambiental do Carste. Neste ambiente, onde existem mais de 285 cavernas cadastradas, estão sítios arqueológicos e paleontológicos de valor mundial. Ali estão situados sítios com fósseis da megafauna pleistocênica extinta e da ocupação humana pré-histórica das Américas e do Brasil. Por esta importância para a Antropologia mundial, dentro do território de Mocambeiro existem três importantes conjuntos paisagísticos tombados: o Sítio Arqueológico Cerca Grande, Conjunto Arqueológico e Paisagístico de Poções e o Conjunto Histórico e Paisagístico da Fazenda da Jaguará, que faz parte da colonização portuguesa e bandeirante. Além disso, novas unidades de conservação foram instituídas em Mocambeiro (Imagem 2) pelo Governo do Estado de Minas Gerais, através do Instituto Estadual de Florestas (IEF), com a expansão do desenvolvimento para o vetor norte da região metropolitana de Belo Horizonte, em consequência da crescente importância do Aeroporto Internacional Tancredo Neves em Confins e a criação da Linha Verde [...] (ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E OFÍCIOS - ADAO, 2010).

Imagem 2 – Monumento Natural Estadual Vargem da Pedra, em Mocambeiro



Fonte: Arquivo do Instituto Estadual de Florestas (IEF).

A elaboração, implantação e gestão do Ecomuseu do Carste é realizada pela Associação de Desenvolvimento de Artes e Ofícios (ADAO) desde 2002. A ADAO é uma OSCIP, e foi fundada em 02/12/1987. Mantém convênio com a Prefeitura Municipal de Matozinhos desde 2009 para a implantação do Ecomuseu do Carste.

Um passo importante em direção à institucionalização do Ecomuseu do Carste foi a aprovação da Lei nº 1.800 de 16 de setembro de 2003: que cria o “Ecomuseu de Mocambeiro” e, alterado pela Lei nº 2.190 de 14 de dezembro de 2012, passa a se chamar “Ecomuseu do Carste), conforme a legislação constante no Quadro 14.

Quadro 14 – Lei Municipal de criação do Ecomuseu do Carste

LEI MUNICIPAL Nº 1.800, DE 16/09/2003

FICA O PODER EXECUTIVO AUTORIZADO A CRIAR O ECOMUSEU DE MOCAMBEIRO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal de Matozinhos aprovou e eu, Prefeita Municipal, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica alterada a denominação do Ecomuseu Mocambeiro, criado pela Lei Municipal nº 1.800/2003, que passará a denominar-se ECOMUSEU DO CARSTE DE MINAS GERAIS, por entender a comunidade Mocambeiro que o foco das suas ações é o Carste e que Mocambeiro representa a essência do Carste de Minas Gerais, pela riqueza cultural, pela formação geomorfológica, pela diversidade espeleológica, arqueológica, paleontológica e pela paisagem cultural. (NR) *(redação estabelecida pelo art. 1º da Lei Municipal nº 2.190, de 14.12.2012)*

§ 1º O ECOMUSEU DO CARSTE DE MINAS GERAIS tem o intuito de preservar, revitalizar, reabilitar, promover e divulgar a memória, a ecologia e o patrimônio cultural, artístico, histórico, Simbólico, etnográfico, turístico, paisagístico, ambiental, espeleológico, arqueológico, Paleontológico, eco-biológico e hídrico.

§ 2º Com a alteração introduzida: pelo parágrafo; anterior, todos os convênios, projetos e ações em andamento ficam mantidos, sendo apenas o nome alterado.

~~Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a criar o Eco-museu de Mocambeiro, com intuito de preservar, revitalizar, reabilitar, promover e divulgar a memória, a ecologia e o patrimônio cultural, artístico, histórico, simbólico, etnográfico, turístico, paisagístico, ambiental, espeleológico, arqueológico, paleontológico, eco-biológico e hídrico do Distrito de Mocambeiro. (redação original)~~

Art. 2º O Ecomuseu do Carde de Minas Gerais e um museu territorial, aberto e tem como acervos principais as formações: lagoas, as estruturas arquitetônicas rurais de interesse histórico, as tradições, os saberes, as celebrações e as formas de expressão presentes no Distrito de Mocambeiro, além de todo e qualquer objeto de natureza material ou imaterial, agregado ao museu pela comunidade ou pelo poder público. (NR) *(redação estabelecida pelo art. 2º da Lei Municipal nº 2.190, de 14.12.2012)*

~~Art. 2º O Ecomuseu de Mocambeiro é um museu territorial, aberto e tem como acervos principais as formações características, as lagoas, as estruturas arquitetônicas rurais de interesse histórico, as tradições, os saberes, as celebrações e as formas de expressão presentes no Distrito de Mocambeiro, além de todo e qualquer objeto de natureza material ou imaterial agregado ao museu pela comunidade ou pelo poder público. (redação original)~~

Art. 3º O Ecomuseu do Carste de Minas Gerais tem como objetivos o seguinte: (NR) *(redação estabelecida pelo art. 3º da Lei Municipal nº 2.190, de 14.12.2012)*

I - preservar o patrimônio geológico para futuras gerações (geoconservação), assim como o patrimônio paisagístico, natural, arquitetônico, arqueológico, espeleológico e cultural;

II - trabalhar para: que o patrimônio da APA Carste de Lagoa Santa seja instrumento da promoção do desenvolvimento econômico sustentável das comunidades locais, principalmente através do turismo sustentável (incluindo turismo educativo);

III - proporcionar às comunidades o entendimento da evolução da paisagem e a importância da preservação de seu patrimônio e cultural com vistas ao desenvolvimento das economias locais;

IV - desenvolver ações para realizar o intercâmbio entre o rico patrimônio cultural e natural do Distrito de Mocambeiro e de outras regiões do Carste e a população que o cerca, para que estas se tornem parceiras e guardiãs de sua riqueza natural e dele usufrua incorporando a sua identidade;

V - favorecer a construção coletiva de uma consciência ambiental no Carste, desempenhando políticas e estratégias tendentes a alcançar soluções autossustentáveis para o desenvolvimento das comunidades do carste;

VI - analisar o lugar que ocupa o patrimônio intangível dentro das políticas de preservação do patrimônio e do meio ambiente, se tornando umnexo entre o patrimônio natural e o patrimônio cultural para que se possa reconhecer a integralidade do patrimônio no uso de políticas e ações sustentáveis;

VII - fornecer à região carste, um modelo global como ferramenta reveladora da realidade Material e imaterial dos bens patrimoniais através de soluções inovadoras;

VIII - construir uma sede para ecomuseu que abrigue os objetos que compõem o acervo de bens, móveis e as reuniões da comunidade;

IX - desvendar para a comunidade de Mocambeiro os locais de seu passado e o notável patrimônio edificado que os cerca, propondo ações que estimulem a educação patrimonial e a visitação turística da região, através de acordos e programas de incentivo envolvendo os proprietários que detêm, o patrimônio histórico edificado do local.

~~Art. 3º O Ecomuseu de Mocambeiro terá como objetivo o seguinte:~~

~~— I — Desenvolver ações para realizar o intercâmbio entre o rico patrimônio arqueológico, paleontológico e espeleológico do Distrito de Mocambeiro e a população que o cerca, para esta se torne parceira e guardiã de sua riqueza natural, e dele usufrua incorporando-o a sua identidade;~~

~~— II — Desvendar para a comunidade de Mocambeiro os locais de seu passado e o notável patrimônio edificado que os cerca, propondo ações que estimulem a educação patrimonial e a visitação turística da região, através de acordos e programas de incentivo envolvendo os proprietários que detêm o patrimônio histórico edificado do local;~~

~~— III — Favorecer a construção coletiva de uma consciência ambiental no Distrito de Mocambeiro desempenhando um papel de educador e facilitador que poderá e deverá desenhar políticas e estratégias tendentes a alcançar soluções auto-sustentáveis para o desenvolvimento da comunidade onde se encontra inserido;~~

~~— IV — Analisar o lugar que ocupa o patrimônio intangível dentro das políticas de preservação do patrimônio e do meio ambiente, se tornando umnexo entre o patrimônio natural e o patrimônio cultural, para que se possa reconhecer a integralidade do~~

patrimônio no uso de políticas e ações sustentáveis;

~~—V— Fornecer a região de Mocambeiro um modelo global como ferramenta reveladora da realidade material e imaterial dos bens patrimoniais;~~

~~—VI— Construir uma sede para o Ecomuseu, que abriguem os objetos que compõem o acervo de bens móveis e as reuniões da comunidade. (redação original)~~

Art. 4º O Ecomuseu do Carste será acompanhado por um Conselho Consultivo, que será o responsável pela sua curadoria e elaboração de política que vise trabalhar para o desenvolvimento sustentável, através da valorização do meio-ambiente e do patrimônio cultural material e intangível. (NR) *(redação estabelecida pelo art. 4º da Lei Municipal nº 2.190, de 14.12.2012)*

§ 1º O Conselho Consultivo deverá contar com ampla participação da Comunidade envolvida, além de técnicos, sociedade civil organizada e representantes do poder público.

§ 2º O Conselho Consultivo do Ecomuseu do Carste será regulamentado através do Decreto do Poder Executivo.

~~Art. 4º O Ecomuseu de Mocambeiro será acompanhado por um Conselho Consultivo, que será o responsável pela sua curadoria e elaboração de política pública que vise trabalhar para o desenvolvimento sustentável, através da valorização do meio-ambiente e do patrimônio cultural material e intangível.~~

~~—§ 1º O Conselho Consultivo deverá contar com ampla participação da Comunidade do Distrito de Mocambeiro, além de técnicos, sociedade civil organizada e representantes do poder pública municipal.~~

~~—§ 2º O Conselho Consultivo do Ecomuseu de Mocambeiro será regulamentado através de Decreto do Poder Executivo. (redação original)~~

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Matozinhos, 16 de setembro de 2003.

LÚCIA MARIA FIGUEIREDO COTA

PREFEITA MUNICIPAL

Registrada e publicada

Gabinete, data supra,
Chefe de Gabinete

Fonte: (MUNICIPAL, 2003).

A equipe do Ecomuseu do Carste executou atividades com a comunidade do seu território, mais notadamente aquelas relacionadas à capacitação para geração de renda e à preservação do patrimônio ambiental e cultural. Foram atividades propostas pela instituição no ano de 2010 (ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E OFÍCIOS - ADAO, 2010):

- Aprovação no Fundo Estadual de Defesa dos Direitos Difusos do Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental para o Monumento Natural Estadual Vargem da Pedra;
- Realização de oficina para a capacitação em Educação Ambiental para professores da rede municipal de ensino;
- Realização de Oficina de Cinema de Animação para crianças de 09 a 11 anos da rede pública com o foco na educação ambiental e patrimonial;
- Elaboração de projeto para despoluição da Lagoa do Fluminense junto ao Fundo de Recuperação, Proteção e Desenvolvimento Sustentável das Bacia Hidrográficas do Estado de Minas Gerais – FHIDRO;
- Realização de documentário com série de registros das memórias de personalidades locais;
- Promoção de reuniões públicas com a comunidade com o intuito de discutir a preservação dos sítios tombados e das manifestações tradicionais;
- Realização de campanhas sanitárias de combate de doenças endêmicas, como a dengue;
- Promoção de campanhas sobre a gestão adequada dos resíduos sólidos, com a instalação de lixeiras nas vias públicas do distrito de Mocambeiro;
- Realização do curso de Cooperativismo através da parceria com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social;
- Promoção de visitas monitoradas aos sítios patrimoniais (Figura 3);

Imagem 3 – Visita com a comunidade ao patrimônio socioambiental de Mocambeiro



Fonte: Arquivo de Nadja Mourão.

- Promoção de cursos preparatórios para as atividades de implementação do turismo.
- Realização de trabalhos em parceria com a UEMG, através do CED-Tec da Escola de Design (Imagem 4).

Imagem 4 – Oficina Um Olhar Diferente: Artesanato com resíduos vegetais



Fonte: Arquivo do CED-Tec da ED/UEMG.

A instituição monitora as atividades através de reuniões periódicas com a comunidade e do grupo de estudos criado para aprofundar o conhecimento nos temas referentes ao Ecomuseu. Outra forma de engajamento e articulação fomentada pelo Ecomuseu do Carste são as redes de produção colaborativas, que recebem capacitação para a criação de cooperativas de trabalho.

O Ecomuseu do Carste é membro da ABREMC, representado por sua gestora, Francisca de Paula Martins. Na Imagem 5, Francisca participa do lançamento do livro “As Raízes do Futuro” de Hugues de Varine em 2012 na cidade de Ouro Preto.

Imagem 5 – Lançamento do Livro “As Raízes do Futuro”



Fonte: Arquivo de Francisca de Paula Martins.

No ano de 2015 o Ecomuseu do Carste comemorou a 13ª Semana de Museus com a palestra “Museus para uma Sociedade Sustentável”, direcionada a alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Felícia Fernandes Campos, de Mocamboiro, na sede da ADAO. A Imagem 6 é um dos registros produzidos no evento.

Imagem 6 – Palestra “Museus para uma Sociedade Sustentável” em 2015.



Fonte: Arquivo de Francisca de Paula Martins

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta pesquisa coletou dados referentes à percepção de 64 habitantes do distrito de Mocambeiro (ou residentes na sede do município que desenvolvem atividades profissionais ou acadêmicas em Mocambeiro). Dentre os habitantes selecionados, todos cumpriram pelo menos um dos critérios propostos, a saber: gestores atuais ou passados de UCs Estaduais situadas em Mocambeiro; membros atuais ou passados da Subsecretaria Municipal de Cultura de Matozinhos; membros atuais ou passados da diretoria da ADAO; estudantes ou já formados da Escola Estadual Felícia Fernandes Campos; proprietários das terras com UCs; moradores, comerciantes fazendeiros, estudantes, professores, pesquisadores, funcionários públicos, membros de ONGs e outros representantes civis, atuantes em Mocambeiro. Foram considerados como “passados” aqueles que atuaram em Mocambeiro no mesmo período em que as ações do Ecomuseu do Carste foram desenvolvidas, ou seja, entre os anos de 2013 e 2016.

Os 64 convites para participação foram feitos por contato telefônico, e foram facilitados pelo conhecimento prévio dos membros da comunidade pela pesquisadora responsável. Apenas em dois contatos foi necessária uma apresentação pessoal e uma breve descrição do projeto de pesquisa.

A primeira pergunta feita, após a apresentação pessoal, foi se o entrevistado conhecia o Ecomuseu do Carste. Quatro participantes disseram que não o conheciam³⁵, e outros quatro participantes informaram que não residem nem atuam mais em Mocambeiro, portanto, não participariam. Neste caso, a pesquisadora explicou a proposta de pesquisa, agradeceu a atenção e se despediu.

Os 56 entrevistados restantes responderiam que conheciam o Ecomuseu do Carste. Neste caso, a pesquisadora apresentou a proposta de pesquisa, esclareceu dúvidas e perguntou se o indivíduo tinha interesse em participar da pesquisa. Todas as 56 respostas foram afirmativas, então a pesquisadora informou que enviaria o *link* de acesso para o Formulário por mensagem eletrônica.

³⁵ Se extrapolarmos o resultado para a população municipal, 6,25% de desconhecimento é um número significativo. Uma abordagem de apresentação institucional pode advir da técnica Design Disruptivo, que contribui para trabalhar com um problema – uma sugestão, neste caso, seria considerar enquanto problema o desconhecimento da população com relação ao Ecomuseu do Carste.

Todos os 56 entrevistados confirmaram recebimento da mensagem com o Formulário, entretanto, foram recebidas até a data final acordada, dia 19 de fevereiro de 2021, 29 respostas³⁶.

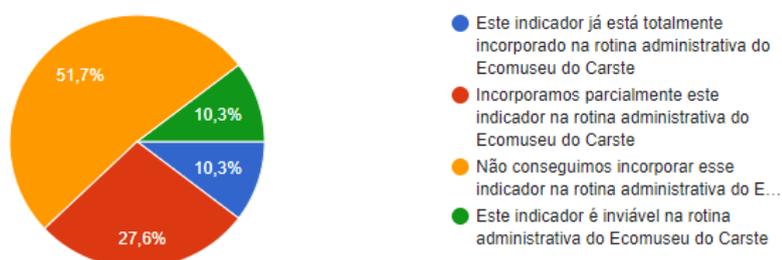
As respostas obtidas pelo Formulário “Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste” contribuíram para a percepção mais nítida dos processos administrativos do Ecomuseu do Carste, bem como de seus desafios e aspectos onde as Ferramentas de Design poderiam contribuir positivamente. Abaixo serão descritas as informações referentes a cada indicador, bem como uma interlocução com as Ferramentas de Design estudadas.

1. Será orientado pelas comunidades locais

Gráfico 1 – Indicador 1

“Será orientado pelas comunidades locais”.

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “A Participação da comunidade é ainda incipiente e é só representativa de parte da população. Muito precisa avançar em termos educativos e mobilizadores inclusive sobre o patrimônio e do que é este conceito inovador de museu do território”.

³⁶ Um engajamento de 51,8% nas respostas do Formulário é considerado abaixo do esperado. O fato pode se dever a inúmeros fatores, dentre eles o período de feriado nacional na região; a restrição do contato exclusivamente telefônico; desconhecimento das ações desenvolvidas pelo Ecomuseu, dentre outros.

A gestão de Ecomuseu do Carste considera neste indicador o desenvolvimento de atividades culturais e de capacitação para a comunidade local que foram executados no passado. O Ecomuseu pode estimular o engajamento de membros da comunidade na discussão das atividades, e uma das Ferramentas de Design sugeridas para esse fim é a “Indicadores Comunitários” (NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000)

2. Permite a participação do público de todos os *stakeholders* e grupos de interesse em todos os processos e atividades de tomada de decisão de forma democrática

Gráfico 2 – Indicador 2

“Permite a participação do público de todos os stakeholders (atores) e grupos de interesse em todos os processos e atividades de tomada de decisão de forma democrática”.

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “São sempre as mesmas pessoas que tomam as mesmas decisões”.

O Inventário Participativo realizado pela instituição é um importante resultado do da participação comunitária pontual nas ações propostas, porém, já está ultrapassado e demanda atualização. Uma Ferramenta de Design que colabora no reconhecimento dos atuais *stakeholders* e grupos de interesse é a “Mapa dos *Stakeholders*” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) que propõe a identificação de forças e interesses atuantes no contexto do desafio com o qual a instituição pretende trabalhar.

3. Estimula a propriedade e a gestão conjuntas, com a contribuição de comunidades locais, conselheiros acadêmicos, empresas locais, autoridades locais e estruturas governamentais

Gráfico 3 – Indicador 3

"Estimula a propriedade e a gestão conjuntas, com a contribuição de comunidades locais, conselheiros acadêmicos, empresas locais, autoridades locais e estruturas governamentais".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Uma ação necessária para o crescimento do Ecomuseu, ainda não é possível contar com participação efetiva de todos. Ocorre em casos pontuais”.

Uma Ferramenta de Design que visa contribuir para que os processos gerenciais do Ecomuseu contem com a contribuição efetiva dos membros da comunidade é a “*Serviços a serem feitos*” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) orientada para a identificação dos desafios com os quais o Ecomuseu pretende lidar, além de demonstrar as esferas de ação de cada participante.

4. Dá ênfase aos processos de gestão patrimonial, e não aos produtos patrimoniais para consumo

Gráfico 4 – Indicador 4

"Dá ênfase aos processos de gestão patrimonial, e não aos produtos patrimoniais para consumo".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "Creio que ainda estamos na fase divulgação do Projeto Ecomuseu do Carste, Ecomuseu Mocambeiro. Muito ainda há de ser realizado para o engajamento dos atores do território para evolução conceitual".

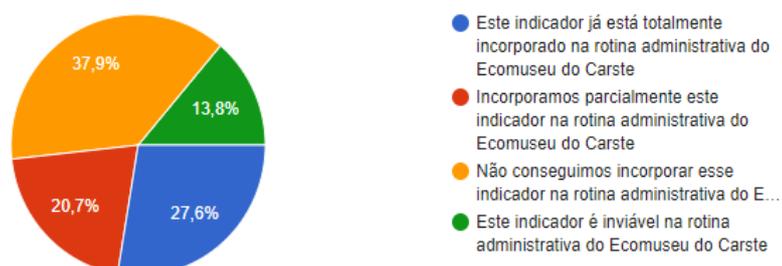
O Ecomuseu lida prioritariamente com patrimônio imaterial e história oral, e uma Ferramenta de Design que pode contribuir sensivelmente para a sistematização do registro deste tipo de patrimônio são as entrevistas, "Entrevistas para empatia" e "Entrevista Exploratória" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019). A aplicação desta ferramenta tem como ganho secundário a divulgação institucional, que contribui a disseminação de informações sobre o Ecomuseu na apresentação das entrevistas.

5. Incentiva a colaboração com artesãos locais, artistas, escritores, atores e músicos

Gráfico 5 – Indicador 5

"Incentiva a colaboração com artesãos locais, artistas, escritores, atores e músicos".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Essa é uma premissa do Ecomuseu do Carste, mas carece ainda de ampla adesão a partir da divulgação da existência do Ecomuseu. Também é necessário construir um diagnóstico destes atores no território”.

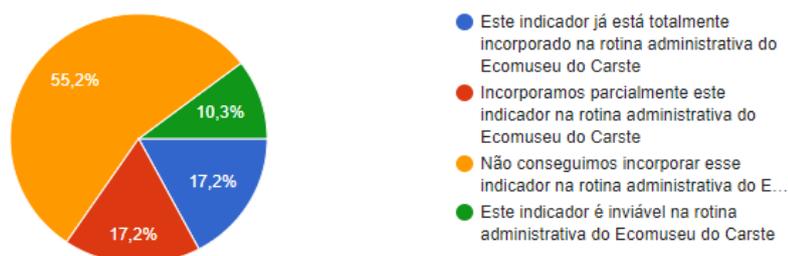
Embora a instituição já tenha desenvolvido ações de capacitação com empresas e comunidades locais, um trabalho colaborativo entre a classe artística pode ser estimulado em ações futuras através da Ferramenta “Mapas Paroquiais” (NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000), que propõe a união das pessoas para explorar e expressar o que valorizam em seu lugar e tomar uma parte ativa em seu cuidado e desenvolvimento.

6. Depende de esforços voluntários ativos substanciais por *stakeholders* locais

Gráfico 6 – Indicador 6

“Depende de esforços voluntários ativos substanciais por stakeholders (atores) locais”.

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário: “Sim, depende dos esforços de muitos colaboradores para que as coisas funcionem. No entanto, ainda é um ponto frágil da gestão”.

Ao presumir que a Ferramenta “Mapa de *Stakeholders*” já foi utilizada e, portanto os *stakeholders* do Ecomuseu já estão devidamente identificados e sensibilizados, outra Ferramenta de Design cuja execução contribui para a identificação de campos de ação voluntária alternativa ao investimento financeiro é a “Método Design Disruptivo” (LEYLA ACARAROGLU, 2017), pois permite considerá-lo como o problema e, assim, prospectar os fatores do cenário que ali interagem; identificar pontos de intervenção e gerar ideias de atuação.

7. Tem foco na identidade local e no 'senso de lugar'

Gráfico 7 – Indicador 7

“Tem foco na identidade local e no 'senso de lugar”.

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Empate entre “Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste” e “Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste”.

Comentário de destaque: “Creio que poucas pessoas sabem da existência do Ecomuseu. Eu mesma só fiquei sabendo no meio do ano passado, e descobri que o projeto é bem antigo, porém sem ações para o lugar”.

A busca do Ecomuseu do Carste por capturar as peculiaridades do seu território e compartilhá-las com a comunidade pode ser ainda mais efetiva se a Ferramenta “Analogias & Benchmarking como inspiração” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) for utilizada como instrumento de coleta e análise de dados referentes a ações já desenvolvidas por outros ecomuseus e instituições afins.

8. Engloba um território 'geográfico', que pode ser determinado por diferentes características compartilhadas

Gráfico 8 – Indicador 8

"Engloba um território 'geográfico', que pode ser determinado por diferentes características compartilhadas".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Continuo ressaltando que o conceito ainda não é deglutido pela população local e como um todo. O conceito é muito novo e pouco se fala dele no debate de temas da grande mídia e ou outras formas que o divulgue para a população geral”.

O território do Ecomuseu do Carste tem sua peculiaridade reconhecida através de várias áreas temáticas: sob o ponto de vista geomorfológico, a região do Carste de Lagoa Santa é considerada Área de Proteção Ambiental – APA, o que assegura proteção dos seus atributos naturais; achados arqueológicos e paleontológicos da região estimularam a instituição do Sítio Arqueológico da Cerca Grande na década de 1950 e, nos anos 2000, a criação de inúmeras Unidades de Conservação estaduais.

A Ferramenta “Análise de Tendências” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) colabora na coleta de informações de cunho social, econômico e acerca de desenvolvimento tecnológicos que interfiram nas relações territoriais do Ecomuseu do Carste.

9. Cobre aspectos espaciais e temporais, onde, em relação aos temporais, olha para a continuidade e a mudança ao longo do tempo, em vez de simplesmente tentar congelar as coisas no tempo

Gráfico 9 – Indicador 9

"Cobre aspectos espaciais e temporais, onde, em relação aos temporais, olha para a continuidade e a mudança ao longo do tempo, em vez de simplesmente tentar congelar as coisas no tempo".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "Os envolvidos na criação carregam esta consciência, mas isso não é realidade para os locais".

Acompanhar as novas dinâmicas patrimoniais do território pode ser um desafio à gestão de um ecomuseu. A Ferramenta " Eu gosto, eu desejo, eu me pergunto" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) pode ser utilizada assim que a comunidade perceber novos desafios, pois ela contribui para um profundo entendimento da questão e soluções coerentes com os dados identificados.

10. Assume a forma de um "museu fragmentado", consistindo em uma rede com um *hub* e antenas de diferentes edifícios e locais

Gráfico 10 – Indicador 10

"Assume a forma de um "museu fragmentado", consistindo em uma rede com um hub e antenas de diferentes edifícios e locais".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário: "O próprio conceito Ecomuseu ainda necessita de ser incorporado pela população".

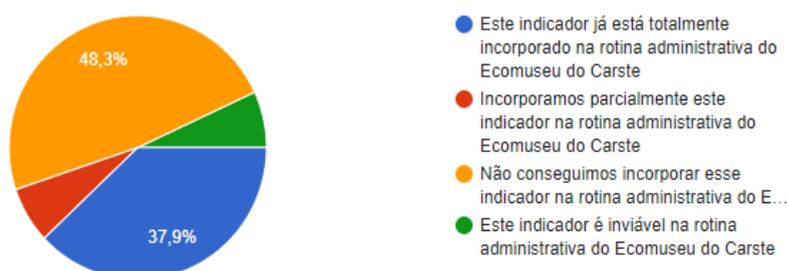
A distribuição do patrimônio natural e arqueológico pelo território do Ecomuseu do Carste torna necessário o diálogo entre comunidade, Ecomuseu e instituições públicas com vistas à sua manutenção. A ferramenta "Plano de ação" (NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000) traz aos atores uma oportunidade de identificação de objetivos comuns e das atividades necessárias para alcançá-los.

11. Promove preservação, conservação e salvaguarda de recursos patrimoniais in situ

Gráfico 11 – Indicador 11

"Promove preservação, conservação e salvaguarda de recursos patrimoniais in situ".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Faltam projetos de educação ambiental que promovam, inclusive, sensação de pertencimento e cuidado”.

Enquanto parceiro dos órgãos de conservação estaduais e federais, o Ecomuseu do Carste é atuante nos processos de inventário e educação patrimonial e ambiental advindos dos programas voltados à salvaguarda do patrimônio ambiental e cultural do seu território. A Ferramenta “*Storytelling*” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) pode contribuir para que elementos do patrimônio imaterial, como a história oral do distrito de Mocambeiro, sejam sistematizados e compartilhados.

12. Dá igual atenção à cultura material tangível imóvel e móvel, e aos recursos do patrimônio imaterial

Gráfico 12 – Indicador 12

"Dá igual atenção à cultura material tangível imóvel e móvel, e aos recursos do patrimônio imaterial".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Um território é rico em diversidade e no caso do Ecomuseu do Carste esta riqueza remonta a pré-história, a colonização portuguesa e os bens geológicos paisagísticos e conseqüentemente a toda cultura, hábitos e valores acumulados. Só falta a população se reconhecer como parte destes patrimônios”.

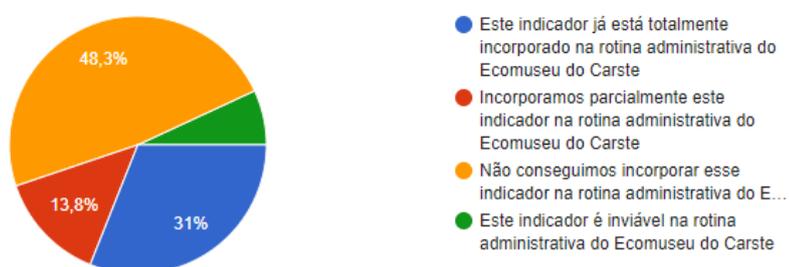
Assim como no Indicador 11, também neste indicador a Ferramenta “*Storytelling*” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) pode contribuir para a sistematização e o compartilhamento da história oral dos membros da comunidade.

13. Estimula o desenvolvimento sustentável e o uso sustentável de recursos

Gráfico 13 – Indicador 13

“Estimula o desenvolvimento sustentável e o uso sustentável de recursos”.

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Não tem ação (sic)”.

A trajetória do Ecomuseu do Carste utilizar a Ferramenta de Design “Método de Escolhas” (NEW ECONOMICS FOUNDATION; UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK, 2000) para se orientar rumo à sustentabilidade, e discutir comunitariamente possíveis mudanças de consumo individual e institucional; nas relações de trabalho insalubres e nas ações divergentes do equilíbrio socioambiental e cultural almejado.

14. Permite mudanças e desenvolvimento para um futuro melhor

Gráfico 14 – Indicador 14

"Permite mudanças e desenvolvimento para um futuro melhor".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "Falta apoiar a eleição do Conselho do Ecomuseu previsto em Lei".

Além de se manter atento a seu cenário e a possíveis mudanças nele através da Ferramenta "Análise de Tendências" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019), a Ferramenta "Mapeando o Contexto" contribui para que novas formas de atuar no território aconteçam, orientadas para que sua comunidade alcance um futuro melhor.

15. Incentiva um programa contínuo de documentação da vida passada e presente e interações das pessoas com todos os fatores ambientais (incluindo físico, econômico, social, cultural e político)

Gráfico 15 – Indicador 15

"Incentiva um programa contínuo de documentação da vida passada e presente e Interações das pessoas com todos os fatores ambientais (incluindo físico, econômico, social, cultural e político)".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Embora exista muitos dados sobre os patrimônio (sic) da região não existe ainda uma sistematização de disponibilidade pública dos mesmos. Importante tarefa a ser viabilizada como projeto”.

O Ecomuseu do Carste participa da elaboração de inventários participativos na comunidade, na produção de material impresso e audiovisual de educação ambiental e patrimonial, bem como na realização de eventos de divulgação do patrimônio territorial. Uma abordagem interessante na identificação de novas estratégias de atuação seria a da Ferramenta “Entrevista de soluções” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019), pois ela contribuirá para identificar as verdadeiras percepções dos membros da comunidade acerca das propostas a serem avaliadas.

16. Promove pesquisas em vários níveis — desde a pesquisa e compreensão de "especialistas" locais até pesquisas de acadêmicos

Gráfico 16 – Indicador 16

"Promove pesquisas em vários níveis — desde a pesquisa e compreensão de "especialistas" locais até pesquisas de acadêmicos".

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Embora política dos atores dirigente, a falta de recurso dificulta uma política a respeito”.

O Ecomuseu do Carste se destaca pela estreita relação com o meio acadêmico. As pesquisas científicas neste território são realizadas por instituições nacionais e internacionais, e muitas vezes contam com a participação de membros da comunidade em sua execução. A academia também devolve à comunidade, em contrapartida, oportunidades de capacitação que, tradicionalmente, contam com grande engajamento. Há também oportunidades de capacitação oferecidas para a comunidade onde seus próprios membros são os protagonistas, como é o caso da oficina de estandartes da Festa do Congado que acontece anualmente com a articulação do Ecomuseu.

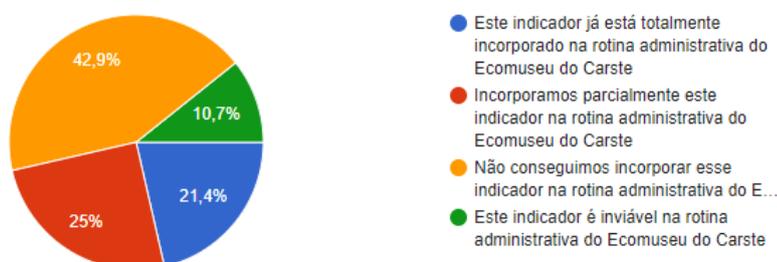
As ferramentas “Mapa da Empatia” e “Persona” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) podem ser uma estratégia de percepção mais profunda dos objetos de pesquisa e seus sujeitos, o que estimula uma relação ainda mais estreita entre estes e o território do Ecomuseu.

17. Promove abordagens multidisciplinares e interdisciplinares para a pesquisa

Gráfico 17 – Indicador 17

“Promove abordagens multidisciplinares e interdisciplinares para a pesquisa”.

28 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Todas as ações têm caráter interdisciplinar, mas falta condições de execução e trabalho contínuo e definição de indicadores de pesquisa”.

Sistemas complexos como a gestão de um Ecomuseu exigem abordagens igualmente multifacetadas. A Ferramenta “Princípios do Design” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) sugere

convidar todos os membros da equipe, além de *stakeholders* relevantes, para uma sessão onde serão definidos os pontos de design necessários às tarefas propostas.

18. Incentiva uma abordagem holística para a interpretação das relações cultura/natureza

Gráfico 18 – Indicador 18

"Incentiva uma abordagem holística para a interpretação das relações cultura/natureza".

28 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "Como museu do território a visão sistêmica com os predicados naturais e sua preservação e a vivência coexistente".

O Ecomuseu do Carste considera a estreita interdependência de seu patrimônio natural e cultural, e age no sentido de preservar o equilíbrio e permanência desta relação. Esta percepção da relação cultura/natureza na trajetória temporal pode ser feita através da Ferramenta "Cone de visão" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019), que contribui para a formulação de um futuro desejável a partir da exploração do que tem que ser feito agora para atingir as metas ao longo do tempo.

19. Tenta ilustrar conexões entre tecnologia/indivíduo, natureza/cultura e passado/presente

Gráfico 19 – Indicador 19

"Tenta ilustrar conexões entre tecnologia/indivíduo, natureza/cultura e passado/presente."

28 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "Já foram realizados vários trabalhos bem sucedidos (sic) nesse aspecto".

Passado e futuro dialogam quando se trata de planejar e divulgar o patrimônio arqueológico e espeleológico da região. A inovação tecnológica permite novas formas de uso deste patrimônio, testemunho de tempos pretéritos, mas que guarda inúmeras similaridades com os tempos atuais. O desafio de convergir o cuidado com o passado e a esperança do futuro nas ações do presente encontra uma aliada na Ferramenta "Pergunta 'como poderíamos?'" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019), que traz em seu enunciado os pontos-chave de trabalho: o "como" insinua mais de um caminho para lidar com as questões; "poderíamos" cria um espaço seguro onde percebemos que uma solução em potencial pode funcionar; "nós" reafirma a potência do trabalho em grupo.

20. Prover uma intersecção entre patrimônio e turismo responsável

Gráfico 20 – Indicador 20

"Prover uma intersecção entre patrimônio e turismo responsável."

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: "De toda forma é preciso realente (sic) um trabalho intenso dos conceitos e mesmo da possibilidade Ecomuseu".

O território do Ecomuseu do Carste recebe prioritariamente turismo científico e pedagógico, portanto, as Ferramentas "Perfil do usuário" e "Mapa de jornada do consumidor" (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) podem contribuir no delineamento do perfil do visitante e, além disso, na identificação dos pontos de contato entre o visitante e os serviços oferecidos pelo Ecomuseu.

21. Traz benefícios para as comunidades locais, por exemplo, um sentimento de orgulho, regeneração e/ou renda econômica

Gráfico 21 – Indicador 21

"Traz benefícios para as comunidades locais, por exemplo, um sentimento de orgulho, regeneração e/ou renda econômica."

29 respostas



Fonte: <<https://forms.gle/KitDfMR2FCjjo8R19>> Acesso em 21 fev 2021.

Resposta: Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste.

Comentário de destaque: “Muitas pessoas ainda têm dúvidas do que e como o ecomuseu pode ajudar nesse sentido. Acredito que falta informações mais claras”.

O trabalho de melhoria das condições sociais da comunidade, desde aspectos econômicos a questões de saúde mental, por exemplo, pode ser potencializado se estes aspectos forem considerados como uma ideia de sucesso. Desta forma, a Ferramenta “Defina sucesso” (LEWRICK; LINK; LEIFER, 2019) contribui para alinhar expectativas, visões de futuro e demandas de investimento de cada membro da comunidade que almeja alcançar as ideias de sucesso identificadas.

7 CONCLUSÕES

Esta pesquisa demonstrou que encorajar ações efetivas de um ecomuseu é uma forma de assegurar que o patrimônio cultural e ambiental seja mantido em seu território, que continue a fazer parte da vida da comunidade e permaneça continuamente imbuído de sentido.

É necessário, conforme os resultados sugerem, adaptar as práticas de gestão de um ecomuseu às especificidades locais e, neste sentido, o design é uma estratégia orientada para desenvolver um pensamento estratégico que identifique e cumpra demandas reais, o que reforça os benefícios da interação socioambiental proposta pelos ecomuseus.

Ecomuseus têm uma vocação intrínseca de intervir positivamente nas demandas sociais, e as Ferramentas de Design identificadas são importantes aliadas da gestão institucional, da relação institucional com os *stakeholders* e com a configuração do ecomuseu enquanto arena de observação, conhecimento e atuação comunitária.

Um grande passo para que o Ecomuseu do Carste envolva efetivamente os membros da comunidade é através da eleição do Conselho proposto na lei que o institui. Esta ação contribuirá para que a instituição se torne em empreendimento cada vez mais coletivo e cooperativo, um espaço de reflexão sobre seu patrimônio e desenvolvimento territorial. Será, portanto, tarefa do Conselho eleito, estruturar a razão de ser do Ecomuseu – através de Assembleia Geral e elaboração do Estatuto da instituição.

Varine (2012) afirma que o desenvolvimento local é um processo voluntário de domínio da mudança cultural, social e econômica, enraizado no patrimônio vivenciado do qual se nutre e gera um patrimônio herdado, transformado, produzido e transmitido de geração a geração que pertence também ao futuro.

Desta forma, a contribuição do design para a gestão de um ecomuseu vai além das Ferramentas de Design identificadas; ela existe desde “considerar uma situação, imaginar uma situação melhor, e agir para criar aquela situação melhorada” (MANZINI, 2015).

A coleta de dados referente ao Ecomuseu do Carste evidencia aspectos territoriais e patrimoniais bem desenvolvidos, com parcerias efetivas e um histórico de ações realizadas com vistas à preservação desta singularidade de recursos. O envolvimento comunitário, cuja pesquisa apresenta como inexistente ou fraco, deve acontecer de forma mais contínua e

permanente, de forma a propor diretrizes proativas na formulação de políticas de preservação (ARMOND, 2015) e que discuta permanentemente as próprias estruturas em que a gestão do ecomuseu se baseia. Para colaborar nesta tarefa, gestores do ecomuseu e comunidade têm à sua disposição importantes elementos da teoria do design: o olhar atento às construções, desconstruções e reconstruções dos lugares e suas relações proposto pelo Design de Território; o interesse do Design para a Inovação Social e Sustentabilidade em criar uma rede multidisciplinar de saberes que aja para diminuir os impactos socioambientais das ações humanas; a análise holística do contexto que permeia a relação entre quem fornece e quem utiliza o serviço prestado pelo Ecomuseu, advinda do Design de Serviços.

As investigações propostas por esta pesquisa sugerem a realização de estudos futuros, especialmente no campo da relação Ecomuseu do Carste e comunidade através da ótica do Design de Serviços. Os resultados da utilização das Ferramentas de Design sugeridas serão importantes para que os gestores do Ecomuseu percebam a importância de delinear a própria instituição, reconheçam oportunidades de potencializar o engajamento comunitário, bem como eliminem aquelas atividades que não contribuem para este fim.

A paisagem urbana e rural precisa refletir uma comunidade saudável, construída e identificada por todos e a gestão territorial é tarefa de toda a sociedade, não somente de municípios e governos estaduais e federais. A gestão participativa forma gestores locais e regionais, multiplica o conhecimento técnico, científico e humano dos diversos atores participantes nos diversos processos, promovendo o desenvolvimento local (ARMOND, 2015).

Embora atento aos aspectos patrimoniais e territoriais que abundam na região do Ecomuseu do Carste, este estudo procurou enfatizar a importância de estreitar o elo entre comunidade e uma gestão institucional no qual “a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevida dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios, mas, primordialmente, o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania” (PRIOSTI, 2010, p. 147). Este estudo coaduna com a ideia de Priosti (2010) de que o método da “escuta” é o caminho para que a verbalização os saberes dos habitantes liberte suas histórias de vida, e torne tangível o que a gestora do Ecomuseu do Carste denomina “memória viva”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 7th International Forum of Design as a Process. DESIGN AND TERRITORY; Emergencies and Conflicts, WEBINAR SPEAKERS. *In*: 2020, **Anais** [...]. 2020. Disponível em: <https://www.designandterritory.com/>
- ARMOND, M. A. **Ecomuseu do Carste: uma iniciativa comunitária para a preservação do patrimônio natural e cultural**. Belo Horizonte: [s.n.].
- ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E OFÍCIOS - ADAO. Ecomuseu MocambeiroMatozinhos/MG, 2010.
- BALERDI, I. D. ¿ Qué Fue De La Nueva Museología ? **Artigrama**, n. 17, p. 493–516, 2002.
- BARBUY, H. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 3, n. 1, p. 209–230, 1995.
- BELCHIOR, C. DE L. **Reciclando os sentidos: o papel do design na ressignificação dos objetos**. 2011. Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, 2011.
- BELLAIGUE, M. Local identity in the process of globalisation. The ecomuseum questioned. **Nordisk Museologi**, n. 2, p. 55, 1970.
- BELLAIGUE, M. Memória, Espaço, Tempo, Poder. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 87–90, 2009.
- BERBERT-BORN, M. Carste de Lagoa Santa , MG Berço da paleontologia e da espeleologia brasileira. **Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil**, p. 415–430, 2002.
- BEZERRA, C. O designer humilde, 2008. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=QH9IQwAACAAJ&pgis=1>
- BONSIEPE, G. Design: do material ao digital. p. 192, 1997.
- BRANDÃO DE MELO, D.. MOURA CARVALHO, R. DE C. Relações entre patrimônio cultural e museus: um referencial teórico para o desenvolvimento. **Mosaico**, v. 7, n. 10, p. 22, 2016.
- BRULON, B. A invenção do ecomuseu: O caso do écomusée du creusot montceau-les-mines e a prática da museologia experimental. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 21, n. 2, p. 267–295, 2015.
- CAMARGO, M. C.. LOZANO, A. M. P. A journey through Design and Territory. *In*: [s.l: s.n.]. p. 6–11.
- CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2013.
- CARDOSO, R. C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do

método. *In: A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95–105.

CORRAL, Ó. N. Ecomuseum features. **Parque Criollo y Museo Gauchesco Ricardo Güiraldes**, v. Plan de ex, n. Exhibir . *Comunicación y Conservación del Patrimonio*, p. 33, 2013.

CORSANE, G. Using ecomuseum indicators to evaluate the Robben Island Museum and World Heritage Site. **Landscape Research**, v. 31, n. 4, p. 399–418, 2006.

DAVIS, P. Standards, performance measurement and the evaluation of ecomuseum practice and 'success'. **Communication and Exploration: Papers of International Ecomuseum Forum**, p. 73–79, 2006.

DAVIS, P. **Ecomuseums: A Sense Of Place**. 02. ed. New York: Continuum International Publishing Group, 2011.

DE VARINE-BOHAN, H. The modern museum: requirements and problems of a new approach. **Museum International**, v. 28, n. 3, p. 131–144, 1976.

DE VARINE, H. Ecomuseum or Community Museum? n. September 1964, 1996.

DORST, K. The core of “design thinking” and its application. **Design Studies**, v. 32, n. 6, p. 521–532, 2011.

DUBBERLY, H. **How Do You Design**. San Francisco, CA: Dubberly Design Office, 2004.

FACCA, C. A. **O designer como pesquisador: uma abordagem metodológica da pesquisa aplicada ao design de produtos**. São Paulo: [s.n.].

FARIAS, S. A. M. **Cidade-museu: expressões espaciais e o caráter cultural**. 2010. UFMG, 2010.

FILIPPE, G.. VARINE, H. DE. Que Futuro Para os Ecomuseus? p. 21–36, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOPAL, S.. CLARKE, T. Guide to Actor Mapping. p. 1–14, 2017.

HEERDT, M. L.. LEONEL, V. Metodologia científica e da pesquisa: livro didático. p. 266, 2007.

KRUCKEN, L. Conexões criativas entre pessoas e lugares: possíveis ações do designer em projetos no território. *In: Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. [s.l: s.n.]. p. 359–371.

LANA, S. Design, sustentabilidade e psicologia: panorama geral. *In: MORAES, D. DE;*

KRUCKEN, L. (org.). **Cadernos de Estudos Avançados em Design**. Sustentabi ed. Barbacena:

EdUEMG, 2009. p. 53–64.

LEMOS, L. H. **A representação da informação em Ecomuseus**. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2018.

LEWRICK, M. LINK, P.. LEIFER, L. **The Design Thinking ToolBox: a guide to mastering the most popular and valuable innovation methods**. [s.l.] Wiley, 2019.

LEYLA ACARAROGLU. Disruptive Design: a Method for Activating Positive Social Change by Design. p. 99, 2017.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 01–34, 2002.

MAIRESSE, F. DESVALLÉES, A.. DELOCHE, B. **Key Concepts of Museology**. [s.l: s.n.].

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade | Comunidades criativas, organizações colaborativas e redes projetuais**. Rio de Janeiro: E- papers Serviços Editoriais Ltda., 2008.

MANZINI, E. **Design when Everybody Designs: An Introduction to Design for Social Innovation**. 1. ed. London: The MIT Press, 2015. v. 0

MARCONI, M.. LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. [s.l: s.n.].

MARTINS, A. Os museus de heranças difíceis: da coleção ao espaço performativo. **Revista Museu**, v. 21, p. 125–136, 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, I. E C. E. **Diagnóstico do Design Brasileiro**. Brasília: [s.n.].

MORAES, C. C. Ecomuseu de Mocamboiro: paisagem cultural da Grande BH. *In*: 3°

COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: 2014.

MORAES, D. DE. Design e identidade local: o território como referência projetual em APLs moveleiros. *In*: MORAES, D. DE; KRUCKEN, L.; REYES, P. (org.). **Caderno de Estudos Avançados em Design**. 02. ed. Barbacena: EdUEMG, 2016. p. 13–34.

MUNICIPAL, C. **Lei Municipal Nº 1.800**. Matozinhos/MG: [s.n.]. Disponível em: <https://cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=3343&cdDiploma=20031800>.

NEW ECONOMICS FOUNDATION. UK COMMUNITY PARTICIPATION NETWORK. **Participation Works! 21 Techniques of Community Participation for the 21st Century**. [s.l.] New Economics Foundation, 2000.

- NIEDDERER, K. Mindful design as a driver for social behaviour change. *In*: IASDR CONFERENCE, 2013, **Anais** [...]. 2013.
- ONO, M. M. Design e multiculturalismo: tessitura polissêmica, transdimensional e dinâmica. *In*: MORAES, D. DE (org.). **Cadernos de Estudos Avançados em Design: Multiculturalismo**. 2. ed. Barbacena: EdUEMG, 2013. p. 181.
- ORTEGA, A. C. **Territórios deprimidos: desafios para as políticas de desenvolvimento rural**. Campinas, SP: Alínea, 2008.
- PAPANEK, V. **Design for the Real World**. [s.l.] Thames & Hudson Ltd, 1972.
- PARENTE, M.. SEDINI, C. Design for Territories as Practice and Theoretical Field of Study. **Design Journal**, v. 20, n. sup1, p. S3047–S3058, 2017.
- PARENTE, M.. SEDINI, C. Design as mediator between local resources and global visions. Experiences of Design for Territories. *In*: MORET, O. (org.). **ICDHS 10th + 1 Conference Proceedings Book**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2018. p. 125–129.
- PRIOSTI, O. M. **Memória, comunidade e hibridação: museologia da libertação e estratégias de resistência**. 2010. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- PROUS, A. RUBBIOLI, E.. BAETA, A. **O patrimônio da região de Matozinhos: conhecer para proteger**. Belo Horizonte/MG: Ed. do autor, 2003.
- RIGONI, F. M. M. **O processo de desenvolvimento de museus vituais sob a perspectiva do design**. 2017. Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017.
- RIVIÈRE, G. H. The ecomuseum - an evolutive definition. **Museum**, v. 37, n. 148, p. 182–183, 1985.
- SANTOS, S. DA S. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil : Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas**. 2017. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SILVA, E. L. DA. MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4a edição ed. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2005.
- STICKDORN, M.. SCHNEIDER, J. **This is Service Design Thinking**. Amsterdam, The Netherlands: BIS Publishers, 2010.
- TAMBORRINI, P. Design de inovação. Do design ao design de sistemas: objetos, relações e comportamento. *In*: MORAES, D. DE; IIDA, I.; DIAS, R. Á. (org.). **Caderno de Estudos Avançados em Design**. Barbacena: EdUEMG, 2012. p. 53–64.
- TISCHNER, U.. VERKUIJL, M. Design for (Social) Sustainability and Radical Change. *In*: (M. Andersen, A. Tukker) **CHANGES TO SUSTAINABLE CONSUMPTION**, 2006, Copenhagen. **Anais** [...]. Copenhagen: Workshop of the Sustainable Consumption Research Exchange (SCORE!)

Network, 2006.

VARINE, H. DE. La place du Musée Communautaire dans les stratégies de développement. *In*: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS | IX ICOFOM LAM, 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, RJ: Tacnet Cultural Ltda., 2000. Disponível em: <http://www.ecomuseusantacruz.com.br/uploads/Publicacoes/fbd013552d8bdbbf7580eb1d5c2cb328.pdf#page=34>

VARINE, H. DE. The origins of the new museology concept and of the ecomuseum word and concept, in the 60s and the 70s. *In*: **Communication and Exploration**. Trento: [s.n.]. p. 51–56.

VARINE, H. DE. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. [s.l.] Medianiz, 2012.

VARINE, H. DE. O museu comunitário como processo continuado. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 25–35, 2014.

VASQUEZ, J. J. C. et al. Design and territories: Emergencies and conflicts at the time of the anthropocene. **Strategic Design Research Journal**, v. 12, n. 2, p. 138–154, 2019.

VEZZOLI, C.. MANZINI, E. Design for Sustainable Consumption. *In*: (M. M. Andersen, A. Tukker) CHANGES TO SUSTAINABLE CONSUMPTION, 2006, Copenhagen. **Anais [...]**. Copenhagen: Workshop of the Sustainable Consumption Research Exchange (SCORE!) Network, 2006.

VIAL, A. D. **Patrimônio integrado e a prática museológica**. 2015. Universidade de São Paulo (USP), 2015.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Panejamento e Métodos**. 2ª ed. São Paulo, SP: Bookman, 2001.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICES

Apêndice A – Museus de Território e Ecomuseus do Brasil cadastrados no Sistema *Museusbr* e identificados por Santos (2017)

ANO DE CRIAÇÃO	INICIATIVA MUSEOLÓGICA	CIDADE	UF	FICHA MUSEOLÓGICA DE SANTOS (2017)	CADASTRO NO <i>MUSEUSBR</i>
1968	Museu Conceitual do Distrito	Rio de Janeiro	RJ	01	Não
1971	Ecomuseu do Ribeirão da Ilha	Florianópolis	SC	02	Sim
1971	Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo	Santa Luzia	PB	03	Não
1979	Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller	Itapiranga	SC	04	Não
1982	Ecomuseu Integrado de São Cristóvão	Rio de Janeiro	RJ	05	Não
1983	NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	06	Sim
1983	Museu da Memória do Jaçanã	São Paulo	SP	07	Não
1984 - 1988	Museu Comunitário de Ipumirim	Ipumirim	SC	08	Não
1987	Ecomuseu de Itaipu	Foz do Iguaçu	PR	09	Não
1988	Ecomuseu da Fazenda Boa Vista	Roseira Velha	SP	10	Não
1988 - 1991	Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna	Benjamin Constant	AM	11	Não
1992	Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri	Nova Olinda	CE	12	Sim
1992	Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser	Novo Hamurgo	RS	13	Não
1992	Memorial Mãe Menininha de Gantois	Salvador	BA	14	Não
1993	Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas”	Vitória	ES	15	Não
1992-1993	Museu Didático-Comunitário de Itapuã	Salvador	BA	16	Não
1994	Memorial Lajuomim	Salvador	BA	17	Não
1995	Museu da Picada	Rio Grande	RS	18	Não

1995	Museu de Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	19	Não
1995	Museu Indígena Kanindé	Aratuba	CE	20	Sim
1996	Projeto CONDESUS Quarta Colônia	Silveira Martins	RS	21	Não
1997	Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque	Oiaoque	AP	22	Não
1997	EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental	Chapecó	SC	23	Não
1997	Memorial Iyá Davina	Nova Iguaçu	RJ	24	Não
1997	Museu Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy	Embu das Artes	SP	25	Não
1997 (?)	Museu Comunitário Umbu	Alvorada	RS	26	Não
1998	Ecomuseu Rural	Bom Jardim	RJ	28	Sim
1998	Museu Comunitário Engenho do Sertão	Bombinhas	SC	29	Sim
1998	Museu do Futebol Douglas Bandeira	Carnaubeira da Penha	PE	30	Não
1999	Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG	Rio Grande	RS	31	Não
1999	Museu Ilê Ohun Lailai (Casa das Coisas Antigas)	Salvador	BA	32	Não
1999	Museu Comunitário Memorial do Quilombo de São Roque	Anajatuba	MA	33	Não
2000	Museu Indígena da Aldeia Pataxó	Santa Cruz Cabralia	BA	34	Não
2001	Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo e Meruri	General Carneiro	MT	35	Não
2001	Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba	Fortaleza	CE	36	Não
2001	Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas	BA	37	Não
2002	Ecomuseu do Seringal Vila Paraíso	Manaus	AM	38	Não
2002	Museu Comunitário de Percurso	Picada Café	RS	39	Não
2002	Museu Brinquedim	Pindoterama	CE	40	Não
2003	Ecomuseu UNIVALI	Porto Belo	SC	41	Sim

2003	Museu Treze de Maio	Santa Maria	RS	42	Não
2003	Ponto de Memória Missioneira	São Miguel das Missões	RS	43	Não
2003	Casarão da Memória Viva do Povo de Quxelô	Quixelô	CE	44	Não
2003	Museu Eco-cultural Monte Olimpo	Meruoca	CE	45	Não
2003	Memorial da Colônia Japonesa	Ivoti	RS	46	Não
2003	Centro de Referência do Negro – Nilo Alberto Feijó	Porto Alegre	RS	47	Não
2004	Museu comunitário Professora Dona Tiquinha	Alto dos Rodrigues	RN	48	Não
2004	Ponto de Cultura Espaço Escola Africanamente	Porto Alegre	RS	49	Não
2004 (?)	Ecomuseu do Carste	Matozinhos	MG	50	Não
2004 (?)	Museu Comunitário do Poço Cumprido	Vicência	PE	51	Não
2005	Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas	BA	52	Não
2005	Ecomuseu Comunitário Graciliano é uma Graça	Maceió	AL	53	Não
2005	Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau	Caucaia	CE	54	Não
2005	Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavantes de Sangradouro	Primavera do Leste	MT	55	Não
2005	Ecomuseu da Serra de Ouro Preto	Ouro Preto	MG	56	Sim
2005	Museu Vivo de São Bento	Duque de Caxias	RJ	57	Sim
2005	Museu Vivo do Fandango	Cananéia e Iguape (SP), Guaraqueçaba, Paranaguá e Morretes (PR)	SP PR	58	Não
2006	Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale	São Bento do Sapucaí	SP	59	Não

2006	Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão	Sobradinho	DF	60	Não
2006	Ecomuseu do Maranguape	Maranguape	CE	61	Sim
2006	Museu Vivo Casa Cultural Povo Koama Patriarca Cacique Geral Antonio Januario Samias	Tabatinga	AM	62	Não
2006	Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite	Cachoeirinha	RS	63	Sim
2006	Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião	Porto Alegre	RS	64	Não
2006	Museu da Maré	Rio de Janeiro	RJ	65	Sim
2006	Ecomuseu do Sítio do Físico	São Luís	MA	66	Não
2007	Ecomuseu da Amazônia	Belém	PA	67	Sim
2007	Casa da Memória de Porteiras	Porteiras	CE	68	Não
2007	Ecomuseu de Manguinhos	Rio de Janeiro	RJ	69	Não
2007	Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes	Blumenau	SC	70	Não
2007	Ponto de Cultura e Memória Ibaô	Campinas	SP	71	Não
2007	Ponto de Memória do Trapeirismo	Vitória da Conquista	BA	72	Não
2007	Ecomuseu Ilha Grande	Angra dos Reis	RJ	73	Sim
2007	Museu Comunitário Indígena Pipipã	Floresta	PE	74	Não
2008	Ecomuseu da Comunidade Quiilombola de São Pedro de Cima	Divino	MG	75	Não
2008	Casa de Memória do Tronco Velho Pankaruru	Tacaratu	PE	76	Não
2008	Oca da Memória	Poranga	CE	77	Não
2008	Ecomuseu da Lagoa dos Patos (Ecomuseu da Colônia Z3)	Pelotas	RS	78	Não
2008	Ecomuseu de Osasco	Osasco	SP	79	Sim
2008	Museu Usina Itinerante de Itabirito	Itabirito	MG	80	Não

2008	Ecomuseu da Cultura do Vinho	Bento Gonçalves	RS	81	Não
2008	Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)	Rio de Janeiro	RJ	82	Sim
2008	Espaço Pãvânh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena	Nonoai	RS	83	Não
2008 (?)	Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó	Porto Seguro	BA	84	Não
2009	Museu Comunitário do Pinhal Alto	Nova Petrópolis	RS	85	Não
2009	Ponto de Memória da Terra Firme	Belém	PA	86	Não
2009	Museu da Rocinha Sankofa Memória e História	Rio de Janeiro	RJ	87	Não
2009	Catapoesia Museu Virtual / Ponto de Memória Recordança	Serra Negra (SP), Belo Horizonte (MG)	SP/ MG	88	Não
2009	Ponto de Memória Museu do Beiru	Salvador	BA	89	Não
2009	Ponto de Memória Museu do Taquaril	Belo Horizonte	MG	90	Não
2009	Ecomuseu do Mangue	Curuçá	PA	91	Não
2009	Ecomuseu Nega Vilma	Rio de Janeiro	RJ	92	Não
2009	Museu Comunitário do Grande Bom Jardim	Fortaleza	CE	93	Não
2009	Museu Cultura Periférica	Maceió	AL	94	Não
2009	Museu do Percurso do Negro em Porto Alegre	Porto Alegre	RS	95	Não
2009	Ecomuseu do Sertão Carioca	Rio de Janeiro	RJ	96	Não
2009	Museu Indígena Maria Firmina de Melo	Monsenhor Tabosa	CE	97	Não
2009 - 2010	Museu Social da Brasilândia	São Paulo	SP	98	Não
2009 – 2010	Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro	Vitória	ES	99	Não

2010	Museu do Horto	Rio de Janeiro	RJ	100	Sim
2010	Museu Potyगतapuia	Monsenhor Barbosa	CE	101	Não
2010	Ecomuseu de Sepetiba	Rio de Janeiro	RJ	102	Sim
2010	Museu da Boneca de Pano	Fotaleza	CE	103	Não
2010	Museu de Vivências e Memórias do Gramame	João Pessoa, Conde	PB	104	Não
2010	Yny Heto – Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal – Javaé e Karajá	Formoso do Araguaia	TO	105	Não
2010	Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento	Rio de Janeiro	RJ	106	Não
2010	Casa da Memória da Rede Fitovida	Belford Roxo	RJ	107	Não
2010	Museu Indígena Jenipapo – Kanindé	Aquiraz	CE	108	Sim
2010	MAWO – Casa de Cultura Ikpeng	Parque Indígena do Xingu	MT	109	Não
2010 (?)	Museu Mangue do Coque	Recife	PE	110	Não
2011	Museu do Alto Sertão da Bahia	Caetitê, Guanambi e Igaporã	BA	111	Não
2011	Memorial Kisimbê – Águas do Saber	Salvador	BA	112	Não
2011	Ponto de Memória da Estrutural	Brasília	DF	113	Não
2011	Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE)	Sítio Cercado	PR	114	Não
2011	Memorial do Imigrante Topa	Cerqueira César	SP	115	Não
2011	Memorial Kalunga Casa de Dona Lió	Monte Alegre de Goiás	GO	116	Não
2011 (?)	Memorial do Quilombo de Outeiro	Monção	MA	117	Não
2011 – 2012	Museu-Escola Povo Pankararu	Tacaratu	PE	118	Não
2012	Ecomuseu Amigos do Rio Joana	Rio de Janeiro	RJ	119	Não

2012	Museu Comunitário Casa Branca	Imperatriz	MA	120	Não
2012	Museu da Beira da Linha do Coque	Recife	PE	121	Não
2012	Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU)	Belo Horizonte	MG	122	Não
2012	Centro de Memória Cohab Raposo Tavares	São Paulo	SP	123	Não
2012	Museu Vivo do Barro	Cascavel	CE	124	Não
2012	Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã	São Luís	MA	125	Não
2012	Ponto de Memória Memorial do povo de Baiacuí	Icatú	MA	126	Não
2012	Museu da Indumentária e da Moda – MIMO	Virtual		127	Não
2012	Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense)	Ibiapina	CE	128	Não
2012 (?)	Ponto de Memória – Museu Comunitário Boi da Floresta	São Luís	MA	129	Não
2013	Museu das Ilhas	Porto Alegre	RS	130	Não
2013	Memórias do Cerro Corá	Rio de Janeiro	RJ	131	Não
2013	Museu Integral da Comunidade de São Vítor	São Raimundo Nonato	PI	132	Não
2013	Museu Quilombola do Ipiranga	Conde	PB	133	Não
2013	Museu Comunitário da Serra do Evaristo	Baturité	CE	134	Sim
2013	Ecomuseu do Cipó	Jaboticatubas	MG	135	Sim
2013	Associação Ambiental Oiticica	Quixeré	CE	136	Não
2013 (?)	Museu Comunitário Memorial do Divino Porto Grande	São Luís	MA	137	Não
2013 (?)	Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás	São Luís	MA	138	Não
2013 (?)	Ecomuseu do Valério	Cachoeiras do Macacu	RJ	139	Não
2013 – 2014	Museu Comunitário de Araquém	Coreaú	CE	140	Não
2014	Eco Museu Kaá-Atlântica	Rio de Janeiro	RJ	141	Sim

2014	Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília	Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã	DF	142	Não
2014	Ecomuseu Dr. José Humberto	Rio de Janeiro	RJ	143	Sim
2014	Museu da Umbanda	Cachoeiras do Macacu	RJ	144	Não
2014	Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho	Monsenhor Tabosa	CE	145	Não
2014	Museu Comunitário Casa de Izidóra Lopes	Catanhede	MA	146	Não
2014	Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne	Abadiânia, Águas Lindas, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto	GO	147	Não
2014 (?)	Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan	Monção	MA	148	Não
2014 (?)	Museu Comunitário Morro da Providência	Rio de Janeiro	RJ	149	Não
2014 – 2015	Ecomuseu Campos de São José	São José dos Campos	SP	150	Sim
2015	Museu de Artes Lúdicas	Rio de Janeiro	RJ	151	Não
2015	Mataquiri Museu	Cascavel	CE	152	Não
2015	Museu Kapinawá	Buíque	PE	153	Não
2015	Ecomuseu de Pacoti	Pacoti	CE	154	Não
2015	Sala de Memórias de Queimadas	Horizonte	CE	155	Não
2015	Ecomuseu de Mangaratiba	Mangaratiba	RJ	156	Não
2015	Museu Wowkriwig (Sol Nascente)	Arco Íris	SP	157	Não
2015 (?)	Museu Comunitário Social	Água Fria	BA	158	Não
2015 (?)	Ecomuseu da Usina	Tanguá	RJ	159	Não

2015 (?)	Ecomuseu Mata do Índio	Delfinópolis	MG	160	Não
2015 (?)	Museu Indígena Tremembé	Itarema	CE	161	Não
2016	Museu Arqueológico Comunitário de Cumbe e Canavieira (MACC)	Aracati	CE	162	Não
2016	Museu Indígena Pitaguary	Pacatuba	CE	163	Não
2016	Museu das Remoções	Rio de Janeiro	RJ	164	Sim
2016	Museu Paiter A Soe	Cacoal	RO	165	Sim
2016	Manancial das Artes	São Paulo	SP	166	Não
2016	Museu do Babaçu	Porto Velho	RO	167	Não
2016 (?)	Ecomuseu Serra do Rio do Rastro	Lauro Muller	SC	168	Não
11/2016	Museu Akam Oram Krenak	Arco Íris	SP	169	Não
2017	Museu Comunitário de Caatingueirinha	Potiretama	CE	170	Não
2017	Museu Comunitário Filhos de Obá	Laranjeiras	SE	171	Não
2017	Museu Nhandé Manduá-Aty	Avai	SP	172	Não
1969 ?	Minimuseu Firmeza	Fortaleza	CE	173	Não
s/d	Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas	Pirassununga	SP	174	Não
s/d	Ecomuseu Praia do Hermenegildo	Santa Vitória do Palmar	RS	175	Não
s/d	Ecomuseu Paranhana	Três Coroas	RS	176	Não
s/d	Museu Comunitário do Mucuripe	Fortaleza	CE	177	Não
s/d	Museu do Velho Xangô / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô	Carnaubeira da Penha	PE	178	Não
s/d	Casa de Cultura Kariri	Jundiáí	SP	179	Não
s/d	Museu Indígena Potyguara	Monsenhor Tabosa	CE	180	Não
s/d	Ponto de Memória do Quilombo Sítio do Meio	Santa Rita	MA	181	Não
s/d	Ponto de Memória Quilombo Miranda de Santa Maria	Rosário	MA	182	Não

s/d	Ponto de Memória Negros do Riacho	Currais Novos	RN	183	Não
s/d	Museu Indígena do Povo Anacé	Caucaia	CE	184	Não
s/d	Museu Comunitário Territorial Fulni-ô	Águas Belas	PE	185	Não
s/d	Ecomuseu Itatiaia	Itatiaia	RJ	186	Não
s/d	Museu Comunitário Mororó	Santana do Cariri	CE	187	Não
s/d	Museu Comunitário Histórias de Vida da Vila Embratel	São Luís	MA	188	Não
s/d	Casa de Cultura Pindu – Museu Comunitário de Ponta Grossa	Icapuí	CE	189	Não
s/d	Museu Indígena da Comunidade de Nazaré	Lagoa de São Francisco	PI	190	Não
s/d	Museu dos Kariri do Crato	Crato	CE	191	Não
s/d	Museu Cabaça de Colo	Monsenhor Tabosa	CE	192	Não
s/d	Museu Indígena Casa do João de Barro	Monsenhor Tabosa	CE	193	Não
s/d	Museu da T. I. Icatu (?)	Braúna	SP	194	Não
s/d	Museu Terena da T. I. Araribá (?)	Avaiá	SP	195	Não
s/d	Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol	Bias Fortes	MG	196	Não

Apêndice B – Formulário “Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste”

28/01/2021

Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste

Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Eu, Gabrielle Lana Linhares, aluna da Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), coordenadora da pesquisa "Contribuições do design para a gestão de um ecomuseu", convido você a participar como voluntária do presente estudo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição.

Esta pesquisa pretende coletar a sua avaliação enquanto gestora do Ecomuseu do Carste do status dos 21 indicadores de ecomuseus propostos por Gerard Corsane (2006). Os conhecimentos resultantes deste estudo serão utilizados para análises estatísticas e correlações, que serão divulgados por meio da publicação em revista científica da áreas de design e museologia, seguindo as normas de ética da pesquisa, que garantem a privacidade do participante. Os dados dos formulários de posse da pesquisadora serão guardados por 05 anos no Centro de Estudos em Design e Tecnologia da UEMG (CEDTec/UEMG).

Para participar você deverá ser maior de 18 anos e sua participação consistirá em responder ao questionário eletrônico. Sua participação é totalmente voluntária e você poderá interrompê-la a qualquer momento. Ao responder o questionário, caso se sinta desconfortável e/ou constrangido, você poderá pausar, ou interromper seu preenchimento quando quiser. Esta pesquisa trará a você e sua equipe institucional uma oportunidade para reflexão sobre questões gerenciais do ecomuseu que envolvam sua comunidade, seu patrimônio socioambiental e seu território. Seu endereço de e-mail será coletado, mas este não será utilizado para contato posterior, nem para sua identificação no estudo, apenas para relacioná-lo ao ecomuseu que representa. Se porventura seus dados forem acessados indevidamente e/ou divulgados você tem direito de solicitar indenização por eventuais danos que possam ocorrer. Você receberá uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), da autorização para participar e das suas respostas ao questionário, por e-mail, e poderá fazer download ou imprimir, caso queira.

O tempo estimado de resposta ao questionário é de aproximadamente 30 minutos.

Qualquer dúvida sobre a pesquisa que possa lhe ocorrer poderá ser sanada pelo contato com a pesquisadora responsável Gabrielle Lana Linhares (CEDTec/UEMG), pelo e-mail gabriellelana@gmail.com ou pelo telefone (31) 99862 8402. Para dúvidas sobre os aspectos éticos você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – UEMG (Av. Antônio Carlos, 7535 B. São Luiz Belo Horizonte MG 31270 010 (31) 3439 6519 (31) 3439 6525 www.uemg.br | coordpos@gmail.com).

***Obrigatório**

28/01/2021

Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

1. Endereço de e-mail *

2. Após ler os esclarecimentos contidos nesse documento e compreender a possibilidade de poder me manifestar pelo contato com a pesquisadora, para sanar dúvidas sobre a pesquisa, ou com o COEP para sanar dúvidas sobre os aspectos éticos, informo que tenho mais que 18 anos e que estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem nenhum ônus ou constrangimento. Compreendo que este estudo é uma pesquisa científica e que os resultados obtidos serão divulgados seguindo as normas de ética da pesquisa, que garantem minha privacidade. Sei que posso retirar minha autorização para participar quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por esta participação e que os benefícios serão uma oportunidade de refletir sobre questões gerenciais do ecomuseu que envolvam minha comunidade, meu patrimônio socioambiental e meu território. *

Marque todas que se aplicam.

- Autorizo
 NÃO autorizo

3. Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa. *

Marque todas que se aplicam.

- Confirmo minha participação nesta pesquisa
 NÃO quero participar desta pesquisa

28/01/2021

Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

Parte 2:
Contribuições
do Design
para a gestão
de um
Ecomuseu

Segundo o autor Peter Davis (2006:75), indicadores são qualquer informação que ajude a julgar o quão bem um serviço está sendo prestado. Orientado por esta premissa, o autor Gerard Corsane empreendeu uma revisão da extensa literatura produzida por praticantes e acadêmicos que se relacionam com o movimento da 'nova museologia' e dos ecomuseus individuais – e identificou, como resultado, 21 indicadores para caracterizar os ecomuseus (Corsane, 2006: 404). Apresentaremos a você cada um dos indicadores e pedimos sua opinião com relação à implantação deles na gestão do Ecomuseu do Carste: se já são parte da rotina administrativa; se estão se preparando para implantar este indicador na rotina administrativa; se ainda não analisaram este indicador e, finalmente, se este indicador é inviável na realidade da gestão do Ecomuseu do Carste. Daremos um espaço em branco para que você faça as considerações que achar importantes sobre cada indicador, bem como para que compartilhe conosco suas dúvidas e dificuldades.

4. "Será orientado pelas comunidades locais". *

Indicador 01

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

5. Mais informações sobre o Indicador 01 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021

Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

6. "Permite a participação do público de todos os stakeholders (atores) e grupos de interesse em todos os processos e atividades de tomada de decisão de forma democrática". *

Indicador 02

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

7. Mais informações sobre o Indicador 02 no Ecomuseu do Carste *

8. "Estimula a propriedade e a gestão conjuntas, com a contribuição de comunidades locais, conselheiros acadêmicos, empresas locais, autoridades locais e estruturas governamentais". *

Indicador 03

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

9. Mais informações sobre o Indicador 03 no Ecomuseu do Carste *

10. "Dá ênfase aos processos de gestão patrimonial, e não aos produtos patrimoniais para consumo". *

Indicador 04

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

11. Mais informações sobre o Indicador 04 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

12. "Incentiva a colaboração com artesãos locais, artistas, escritores, atores e músicos". *

Indicador 05

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

13. Mais informações sobre o Indicador 05 no Ecomuseu do Carste *

14. "Depende de esforços voluntários ativos substanciais por stakeholders (atores) locais". *

Indicador 06

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investição dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

15. Mais informações sobre o Indicador 06 no Ecomuseu do Carste *

16. "Tem foco na identidade local e no 'senso de lugar'". *

Indicador 07

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

17. Mais informações sobre o Indicador 07 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

18. "Engloba um território 'geográfico', que pode ser determinado por diferentes características compartilhadas". *

Indicador 08

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

19. Mais informações sobre o Indicador 08 no Ecomuseu do Carste *

20. "Cobre aspectos espaciais e temporais, onde, em relação aos temporais, olha para a continuidade e a mudança ao longo do tempo, em vez de simplesmente tentar congelar as coisas no tempo". *

Indicador 09

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

21. Mais informações sobre o Indicador 09 no Ecomuseu do Carste *

22. "Assume a forma de um "museu fragmentado", consistindo em uma rede com um hub e antenas de diferentes edifícios e locais". *

Indicador 10

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

23. Mais informações sobre o Indicador 10 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

24. "Promove preservação, conservação e salvaguarda de recursos patrimoniais in situ". *

Indicador 11

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

25. Mais informações sobre o Indicador 11 no Ecomuseu do Carste *

26. "Dá igual atenção à cultura material tangível imóvel e móvel, e aos recursos do patrimônio imaterial". *

Indicador 12

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

27. Mais informações sobre o Indicador 12 no Ecomuseu do Carste *

28. "Estimula o desenvolvimento sustentável e o uso sustentável de recursos". *

Indicador 13

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

29. Mais informações sobre o Indicador 13 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

30. "Permite mudanças e desenvolvimento para um futuro melhor". *

Indicador 14

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

31. Mais informações sobre o Indicador 14 no Ecomuseu do Carste *

32. "Incentiva um programa contínuo de documentação da vida passada e presente e interações das pessoas com todos os fatores ambientais (incluindo físico, econômico, social, cultural e político)". *

Indicador 15

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

33. Mais informações sobre o Indicador 15 no Ecomuseu do Carste *

34. "Promove pesquisas em vários níveis — desde a pesquisa e compreensão de "especialistas" locais até pesquisas de académicos". *

Indicador 16

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

35. Mais informações sobre o Indicador 16 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

36. "Promove abordagens multidisciplinares e interdisciplinares para a pesquisa". *

Indicador 17

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

37. Mais informações sobre o Indicador 17 no Ecomuseu do Carste *

38. "Incentiva uma abordagem holística para a interpretação das relações cultura/natureza". *

Indicador 18

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

39. Mais informações sobre o Indicador 18 no Ecomuseu do Carste *

40. "Tenta ilustrar conexões entre tecnologia/indivíduo, natureza/cultura e passado/presente." *

Indicador 19

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

41. Mais informações sobre o Indicador 19 no Ecomuseu do Carste *

28/01/2021 Investição dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

42. "Prover uma intersecção entre patrimônio e turismo responsável." *

Indicador 20

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

43. Mais informações sobre o Indicador 20 no Ecomuseu do Carste *

44. "Traz benefícios para as comunidades locais, por exemplo, um sentimento de orgulho, regeneração e/ou renda econômica." *

Indicador 21

Marcar apenas uma oval.

- Este indicador já está totalmente incorporado na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Incorporamos parcialmente este indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Não conseguimos incorporar esse indicador na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste
- Este indicador é inviável na rotina administrativa do Ecomuseu do Carste

28/01/2021 Investigação dos indicadores de um ecomuseu no Ecomuseu do Carste Parte 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T...

45. Mais informações sobre o Indicador 21 no Ecomuseu do Carste *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários